



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS VI

MARIA DO CARMO BARBOSA DIAS
SAYONARA SOUZA LIMA

QUADRINHOS NA ESCOLA:
práticas de leitura e a formação do leitor

CAETITÉ

**MARIA DO CARMO BARBOSA DIAS
SAYONARA SOUZA LIMA**

**QUADRINHOS NA ESCOLA:
práticas de leitura e a formação do leitor**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus VI como pré-requisito para a obtenção do grau de licenciadas.

Orientação: Profa. Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina.

**CAETITÉ
2013**

**MARIA DO CARMO BARBOSA DIAS
SAYONARA SOUZA LIMA**

**QUADRINHOS NA ESCOLA:
práticas de leitura e a formação do leitor**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus VI como pré-requisito para a obtenção do grau de licenciadas.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Kátia Da Costa Pina – UNEB
Orientadora

Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos - UNEB
Examinador

Profa. Zélia Malheiro Marques – UNEB
Examinadora

CAETITÉ
2013

Dedicamos este trabalho aos nossos pais, amigos e familiares que com amor e paciência sempre nos incentivaram e, sobretudo, acreditaram em nosso sucesso, participando de alguma forma na construção e realização deste tão almejado sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, ao grande Deus, a quem devemos toda a honra e toda a glória, por ter sempre nos concedido força, fé e principalmente toda a motivação necessária, para seguirmos em frente, além de coragem e determinação para não desistir diante dos árduos momentos que encontramos pelo caminho. Aos nossos queridos pais, esposo, namorado e familiares de modo geral, pelo incentivo e apoio incondicional durante todos estes anos de estudo, estando sempre presentes e também pela compreensão nos momentos em que não pudemos estar juntos. Aos nossos irmãos (as), que nos encorajaram nos momentos em que mais precisávamos, estando sempre ao nosso lado. Aos amigos pela compreensão do distanciamento devido ao tempo de dedicação aos estudos. Aos grandes e eternos amigos-colegas que fizemos durante estes longos anos de estudo e, aos demais que nos ajudaram: em especial a colega Maurina Lima, nosso pombo correio que durante esse tempo, ficou responsável pela entrega das correspondências. E também aos demais que deixaram marcadas suas presenças em nossas vidas em vários momentos especiais e de tantas alegrias vividas. A DIREC 24 - Diretoria Regional de Educação, órgão que tenho muito respeito e gratidão, nas pessoas de Maíza Márcia, Márcia Montenegro e Anaíde Fernandes, sempre pelo apoio conferido e também aos demais colegas da referida Instituição. E, também a TERMOSOL CONSTRUTORA E COMÉRCIO nas pessoas de Sidney Aguiar dos Santos e Luciana de Cássia Pereira Gondim que tanto ajudaram a concluir essa importante trajetória de minha vida. Enfim, a todos os professores do curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia Campus VI Caetité, pela colaboração, estímulo e motivação e que foram tão importantes em nossa vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia. Em especial a nossa orientadora Profa. Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina, com seu otimismo e dedicação em suas orientações, que nos fez seguir em frente, dedicando-se integralmente a todos os seus orientandos e não poderíamos nos esquecer do nosso querido professor Edmilson Moraes com seus afiadíssimos questionamentos do tipo: Qual o problema? E daí? E tantos outros que nos deixavam literalmente de “cabelo em pé” e, sobretudo, pelas indicações de leituras e instruções acerca do trabalho monográfico. Enfim, muito obrigada a todos que direta ou indiretamente contribuíram, para que mais essa etapa de nossas vidas se tornasse realidade.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire.

RESUMO

O presente trabalho discute as Histórias em Quadrinhos na escola como prática de leitura e formação do leitor, haja vista que rivalizando com bens culturais valorizados socialmente, como o livro didático, as HQ sempre foram atacadas por autoridades políticas e intelectuais e banidas da Escola por muitas décadas. Diante disso, tivemos como principal objetivo buscar compreender uma questão crucial acerca das HQ: seriam elas instrumentos relevantes para a prática de leitura e a formação do leitor? Com base nessa assertiva, utilizamo-nos da pesquisa bibliográfica, e também da documental, estas que foram empregadas para a análise das missivas dos participantes no projeto “Adote um aluno forme um leitor”, aplicado no Grupo Escolar Manuel Lopes Teixeira, localizada no Bairro Nossa Senhora da Paz em Caetité - Bahia. Cartas essas tendo seu conteúdo voltado para a temática das Histórias em Quadrinhos, a partir das quais discutimos, como os estudantes adotados leem os gibis e como se apropriaram deles. No decorrer da pesquisa ficaram evidentes que as HQ são recursos eficientes para incentivar a leitura, uma vez que são informativas e diversificadas, além de contribuir significativamente para a formação de leitores, pois elas preenchem as expectativas do imaginário, além de servir como suporte para prepararem tanto as crianças quanto os jovens para a leitura de outras obras. A discussão contou com o auxílio de vários teóricos e críticos que trabalham direta ou indiretamente com temáticas voltadas para a leitura, história em quadrinho, contemporaneidade, gêneros textuais (cartas) e outros, dos quais destacamos: Silva (1997); Aguiar (1993; 2004); Bourdieu (2002); Barbosa (2004); Carvalho (2006); Iannone e Iannone (1994); McCloud (2006, 2008); Pina (2012); Ramos (2009); Vergueiro (2012); Bazerman (2011); Bezerra (2003) e tantos outros mais, que contribuíram para que conseguíssemos desenvolver nossas investigações. Acompanham este trabalho, vários anexos para complementar ou ilustrar informações.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. História em Quadrinhos. Educação. Formação do Leitor.

ABSTRACT

This paper deals about Comic Strip in the school as reading practice and reader formation, since that CS has always attacked by politic authorities and intellectuals, rivaling for cultural assets socially recognized, like the educational book, they has been banished to school for many decades. So, we have as main purpose to understand an important question about the CS: would they be a relevant instrument to practice reading and reader education? Basing in this, we use bibliographic and document research, these has been used to analysis participant's letters in the project "Adopt a student and educate a reader", it was applied in the Manuel Lopes Teixeira Primary School, located in Nossa Senhora da Paz neighborhood, Caetité – Bahia. The letters had written about the Comic Strip content, basing from this on we discussed as adopted students have read the comics and have get hold them. The research showed that CS are efficient resorts to motivate the reading, because they are informative and diverse, besides of contribute a lot of readers education, because they deal the imaginary expectations, and they are an important instrument to prepare children and teenagers to read others books. The discussion is supported by some authors that works direct or indirectly with subject matters like reading, comic strip, textual genders (letters) and others, among the authors we point: Silva (1997); Aguiar (1993; 2004); Bourdieu (2002); Barbosa (2004); Carvalho (2006); Iannone and Iannone (1994); McCloud (2006, 2008); Pina (2012); Ramos (2009); Vergueiro (2012); Bazerman (2011); Bezerra (2003) and others, they contribute that we get develop investigations. Some attacheds go with this paper, completing or clarifying the informations.

KEY WORDS: Reading. Comic Strip. Education. Reader Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadrinhos dos anos 10.....	26
Figura 2 – Tirinha de Calvin e Haroldo	43
Figura 3 – Exemplo de tipos de balões	43
Figura 4 – Exemplo de legenda	44
Figura 5 – Exemplo de Onomatopeias nos quadrinhos.....	44

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AAFL	Adote um Aluno Forme um Leitor
ABE	Associação Brasileira de Educadores
ANA	Avaliação Nacional da Alfabetização
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
GPLEC	Grupo de Pesquisa Leitura Cultura e Formação
HQ.....	História em Quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LALE	Laboratório de Leitura Monsenhor Antônio Raimundo dos Anjos
LD	Livro didático
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
TV	Televisão
UFSJ	Universidade Federal de São João Del Rei
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 QUADRINHOS NA ESCOLA – PODE ISSO?.....	14
2.1 OS PCN E A INSERÇÃO DA HQ NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO.....	22
2.2 HQ E A FORMAÇÃO LEITORA.....	29
3 QUADRINHOS SÃO QUADRINHOS – E PONTO FINAL	41
3.1 LEVANDO OS QUADRINHOS PARA A ESCOLA.....	48
3.2 QUANDO O CARTEIRO CHEGOU.....	51
4 OS QUADRINHOS FORMAM LEITORES?	65
5 PONTOS SEM NOS.....	81
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS.....	87

1 – INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos ao longo do seu percurso histórico foram rejeitadas, tanto por professores, quanto por pais, de maneira geral, por ser considerado um material impróprio para o processo ensino aprendizagem das crianças, adolescentes e jovens. Porém, com o passar do tempo, as HQ foram sendo entendidas como um gênero indispensável no que se refere à formação da grande maioria dos leitores, juntamente com os demais gêneros textuais. Desse modo, estão sendo utilizadas em sala de aula como apoio pedagógico subsidiando as mais diversas áreas do conhecimento, acontecendo, assim, um estudo contextualizado e, portanto, capaz de valorizar as diversas culturas. Nesse sentido, por estar presente no cotidiano dos sujeitos, entendemos ser importante trabalhar a realidade cultural, alertando e refletindo sobre os problemas sociais que nelas são representados.

Nessa perspectiva, questionamos: como podem as HQ contribuir para o desenvolvimento da prática de leitura e para a formação do leitor?

Todo esse contexto gira em torno de nosso objetivo maior que é, compreender a funcionalidade das Histórias em Quadrinhos como instrumento relevante para a prática de leitura e a formação do leitor.

Para que nossos objetivos pudessem ser alcançados, transcorremos pela pesquisa bibliográfica, bem como a pesquisa documental, utilizando como base para essa demanda, análise das cartas escritas pelos alunos do Grupo Escolar Manoel Lopes Teixeira localizado no Bairro Nossa Senhora da Paz, em Caetitê – Bahia, estes que fizeram parte do projeto *Adote um aluno, forme um leitor*.

O referido projeto foi proposto pelo Laboratório de Leitura Monsenhor Antônio Raimundo dos Anjos (LALE). O objetivo central girou em torno da troca de livros/gibis, e de cartas com os estudantes da referida unidade escolar. Desse modo, às cartas enviadas pelos participantes sendo eles, na maioria das vezes professores e alunos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) aos seus adotados do Grupo Escolar Manoel Lopes, teve como objetivo apresentar as obras remetidas. E, foi através das cartas-resposta devolvidas pelos referidos adotados, que refletimos à prática de leitura daqueles adolescentes. Um fato interessante é que os estudantes não sabiam quem os adotou até a culminância do projeto que foi realizado em dezembro de 2013, na escola, local em que todos foram apresentados.

A pesquisa bibliográfica e documental consistiu na leitura, coletas de dados e interpretação de livros teóricos, para que, posteriormente, no caso específico desse trabalho, pudéssemos analisar as cartas escritas pelos alunos “adotados” e também os livros de teoria crítica sobre Histórias em Quadrinhos, a fim de apreender dados importantes para identificar conceitos e estabelecer relações que nos ajude a notar se as HQ formam de fato o gosto pela leitura e, por conseguinte, a formação de leitores.

Para melhor compreensão da proposta de estudo, dividimos o nosso trabalho em três seções.

A primeira delas tratando da abordagem dos quadrinhos na escola, elaborando assim a história da relação entre HQ e Educação dentro e fora do Brasil, acompanhado pelos seus subtópicos que tratam dos PCN, HQ e formação leitora;

Na segunda seção, procuramos elaborar uma reflexão sobre os quadrinhos e sua linguagem, relacionando-a com a literatura e outras artes. E ainda, relatar também sobre a experiência do projeto *Adote um aluno, forme um leitor*, seguida da tão esperada análise dos dados coletados no referido projeto;

Enfim, na terceira e última seção, faremos uma discussão acerca das práticas de leituras tradicionais e contemporâneas, relacionando essas práticas com as cartas e finalmente traçando um perfil do leitor adolescente da referida escola localizada no município de Caetité.

Para que esse caminho se tornasse possível, contamos com o apoio de autores teóricos e críticos que trabalham a temática voltada para a leitura dos quais destacamos: Silva (1997); Aguiar (1993; 2004), Yunes (2003; 2009); história em quadrinho: Barbosa (2004); Carvalho (2006); Iannone e Iannone (1994); McCloud (2006; 2008); Pina (2012); Ramos (2009); Vergueiro (2012); Reprodução: Bourdieu (2011); contemporaneidade-globalização: Bauman (2005); gêneros textuais (cartas): Bazerman (2011); Bezerra (2003) e tantos outros, que ajudaram a compreender os assuntos abordados no decorrer de nossa pesquisa bem como adquirir subsídios para realizar análise das cartas em questão.

2 - QUADRINHOS NA ESCOLA – PODE ISSO?

A pergunta que dá título a esta seção nos persegue, desde o início, quando começamos a escrever o nosso ante-projeto, ou seja, desde a trajetória inicial de nossos estudos, necessariamente, na segunda fase do Ensino Fundamental ocorridas entre os anos de 1998 e 2002. O interesse por esse tema nos foi despertado, uma vez que sempre ouvimos afirmações enfatizando que histórias em quadrinhos eram “coisas infantis”, como se pelo fato de ter imagens e pouco texto verbal, a HQ não merecesse a atenção das nossas crianças, adolescentes e jovens. Por um longo período, ficamos pensando e refletindo sobre o assunto.

Para inquietar ainda mais a nossa mente, nos foi oferecida durante o nosso curso de Licenciatura em Letras, a disciplina Literatura e Outras Artes: foi justamente nesse momento em que passamos a conhecer, de fato, do que se tratavam as histórias em quadrinhos e que não se restringiam aos comentários ouvidos por nós. Ver esse gênero como “fenômeno de criatividade” possibilita reinventar a vida através do mundo imagético: a HQ é capaz de despertar no leitor um incomparável gosto pela leitura, que por sua vez se explicita de forma lúdica e prazerosa. Assim, caminhamos no sentido de melhor responder a esse questionamento justamente com o intuito de mostrar, para aqueles que não acreditam no “poder” que as HQ têm, e que elas podem sim, contribuir de forma significativa para se educar grandes segmentos sociais e formar muitos leitores desde que bem aproveitada.

Diante disso, e levando-se em conta as palavras de Luyten (2013, p. 49), uma das pioneiras dos estudos sobre Histórias em Quadrinhos no Brasil, é possível considerar que: “[...] sem dúvidas sempre haverá os que negam ou não enxergam esse potencial e assim irão permanecer em sua ignorância cega”. Nesse sentido, para que os quadrinhos chegassem ao campo da educação, e principalmente que conseguissem ter uma boa aceitação, percorreu-se um longo e cruel caminho tanto no Brasil quanto no Mundo.

É fato que as HQ sempre foram muito atraentes para crianças, adolescentes e jovens, já que boa parte deles cresceu lendo-as, na maioria das vezes escondidos dos pais e professores. Inclusive, esse episódio fica bastante evidente em um depoimento presente na obra *Os pioneiros de quadrinhos no Brasil* organizado por Vergueiro, Ramos e Chinen (2013), em que Antônio Luiz Cagnin (2013, p. 58) declara: “Quando no ginásio, como se chamava o curso médio de então, um professor me tirou das mãos o gibi que costumava ler e levar pros meus colegas verem, e proibiu que tornasse a aparecer com gibis”.

Para Barbosa e Vergueiro (2012), isso acontecia porque os pais, bem como os professores, viam nos quadrinhos um desperdício de tempo e um perigo para as mentes dos jovens. Esse equívoco aumentou consideravelmente no período do Pós-Guerra e início da chamada Guerra Fria, momento este que de certa forma contribuiu para um clima de desconfiança em relação aos quadrinhos. Com isso, Fredric Wertham, psiquiatra alemão enraizado nos Estados Unidos, encontrou espaço privilegiado para uma campanha de alerta aos malefícios que a leitura de histórias em quadrinhos poderiam trazer aos adolescentes norte-americanos.

Baseando-se nos atendimentos que fazia de jovens problemáticos, o Dr. Wertham passou a publicar artigos em jornais e revistas especializadas e a ministrar palestras em escolas, participar de programas de rádio e tevê, nos quais sempre apontava os aspectos negativos dos quadrinhos e sua leitura. Generalizando suas conclusões a partir de um segmento da indústria de revistas de histórias em quadrinhos – sobretudo as de suspense e terror, e dos casos patológicos desses jovens em que tratou em seu consultório, o Dr. Wertham investiu violentamente contra tal meio, denunciando-o como uma grande ameaça à juventude norte-americana. Em seu livro *Seduction of the innocent*, chegou a afirmar mais uma vez e de maneira preconceituosa e pouco embasada, que os quadrinhos provocavam “comportamentos anormais”, aos quais se referindo, por exemplo, ao homossexualismo. Analisando essa questão a que se referiu Wertham percebe-se que a seu ver as crianças também seriam incentivadas a se tornarem *gays*.

Supunha, ainda, que se as crianças, por exemplo, lessem quadrinhos cujos episódios mostrassem um lobisomem mordendo uma personagem, haveria perigo para os pequenos, em função de uma possível alusão a atos de canibalismo. O psicólogo parecia desconhecer as fronteiras entre realidade e ficção, bem como a importância da imaginação para crianças e jovens. Suas afirmações beiravam o absurdo: a Mulher-Maravilha seria lésbica..., as orelhas de Pernalonga seriam símbolos fálicos.

Assim, continuava a tirar conclusões inusitadas a tal ponto que anos mais tarde ele mesmo reconheceu que havia exagerado, porém já era tarde demais, visto que a repercussão causada pelo livro fez com que os pais e professores estadunidenses literalmente queimassem histórias em quadrinhos na fogueira.

Suas ideias acabam por enfatizar que tudo que é marginal era mostrado como algo desagradável e que tal atitude impulsionariam os leitores a serem marginais. Foram opiniões infundadas como essas que fizeram com que os quadrinhos por um longo tempo, ficassem às

margens da sociedade, sendo rechaçados pelas instituições familiar e escolar entre outras, que não os aceitavam devido a esse tratamento, dado durante muito tempo.

Partindo deste pressuposto, Carvalho (2006) assim como Barbosa e Vergueiro (2012), configuram que o Dr. Wertham teria chegado a tal conclusão por meio de pesquisas dentro de penitenciárias americanas, onde a maioria dos criminosos presos liam gibis alegando que isso havia influenciado em seus crimes. Então, se a maioria desses marginais fumasse, ficaria explícito que os gibis levavam ao tabagismo. Essa situação gerou em nós uma inquietação: por que não fizeram as mesmas perguntas também no meio escolar e familiar, antes de implantar essa desconfiança, esse preconceito na sociedade? Eis aqui, uma pergunta muito simples e fácil de ser respondida, a qual deixamos aqui para sua própria reflexão.

Foi pensando em uma forma de amenizar essa situação que o governo dos EUA resolveu, então, intervir, criando um chamado “código de ética” que na prática significava uma censura prévia das HQ. Desse modo, para que fossem aceitos nas bancas, todos os gibis deveriam de ser lidos previamente com o intuito de receber um selo indicando a aprovação. Entre outras coisas, a censura fez com que histórias de terror fossem simplesmente banidas das bancas: palavras como “crime” não poderiam ser usadas em títulos; vilões deveriam sempre ser punidos. Também obrigou parceiros mirins de heróis (e os próprios) a arrumarem namoradas ou abandonarem a parceria; baniram dos enredos quaisquer temas considerados minimamente polêmicos, de maneira que chegava a ser ridícula e paranoica, alterando também os desenhos que consideravam possuir um conteúdo sexual.

Nesse sentido, de acordo com a perspectiva de Carvalho (2006), no Brasil também não foi tão diferente dos demais países, pois em 1939 em São Carlos (SP), bispos reunidos deram continuidade à xenofobia, propondo até mesmo a censura aos quadrinhos, por julgarem que estes traziam “temas estrangeiros prejudiciais às crianças”.

Ainda, levando-se em consideração a frase citada acima de Carvalho (2006) “*bispos reunidos deram continuidade à xenofobia*”; observa-se atualmente o contrário, basta o telespectador ligar a TV, em especial no canal Rede Aparecida, para perceber que ali são exibidas várias propagandas oriundas de revistinhas em quadrinhos, em especial da *Turma da Mônica: Devotos mirins*, incentivando com isso, a leitura desses telespectadores. Apesar disso, percebe-se aí à enorme proporção que chegaram as HQ, junto à Igreja católica se tornando agora um grande aliado dela na busca de seus interesses.

Porém, em 1944, o Instituto Nacional de Estudos Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão ligado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), apresentou um estudo

preconceituoso, sem rigor na apuração ou embasamento criterioso, no qual alegava que as histórias em quadrinhos provocavam “lerdeza mental”. Isso nos indigna porque justamente o órgão que deveria incentivar essa relação das HQ com a educação, fez totalmente o contrário. Esse acontecimento, aos olhos de Carvalho (2006), se deu pelo fato do Instituto preocupar-se apenas com o episódio de muitas crianças preferirem ler quadrinhos a livros, não pensando em unir o útil ao agradável, preferindo bani-los como se essa fosse a solução adequada a se tomar. Para tanto, ainda que muitos intelectuais elogiassem as HQ, o tal estudo surtiu um efeito devastador entre muitos pais e professores, implicando em proibições de leitura das mesmas. Conforme explicita Carvalho (2006, p. 32) “quem lê histórias em quadrinhos fica com o cérebro do tamanho de um quadrinho”. Isso fez com que frases como essas fossem repetidas e lembradas por muitas gerações.

Nesse momento, todo esse preconceito em torno das HQ que, a nosso ver contou com a contribuição do MEC, infelizmente só fez ampliar as demais visões estereotipadas, aqui já apresentadas, inclusive no ano de 1946 esse convencionalismo foi expandido pelo jornalista e político Carlos Lacerda, durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores.

Lacerda criticou a proliferação do cinema, do rádio, bem como das histórias em quadrinhos, já que considerava que estes traziam prejuízos às crianças. Sobre os gibis, em especial, afirmou que era “veneno importado” (CARVALHO, 2006, p. 33). No entanto, ficamos felizes ao notar que esse “veneno importado”, mata, porém de forma diferenciada da esperada por Lacerda: mata a burrice, a ignorância, fazendo dos sujeitos leitores seres capazes de argumentar, questionar, criticar, refletir, e principalmente de não aceitar tudo de forma inocente.

E isso nos leva a concordar com a perspectiva de Vergueiro (2009), quando enfatiza que pessoas como essas possuíam uma visão estereotipada, já que na verdade se tratava de discursos ociosos, sem embasamento científico, reproduzidos sem qualquer espécie de criticidade, justamente por haver certo desconhecimento nessa área.

É importante enfatizar que tal conteúdo tido como “maléfico” vem a cada dia repercutindo de forma positiva no meio social e no processo de aprendizagem dos alunos do Ensino Médio e também do Fundamental. Todavia, antes que isso acontecesse, o discurso do político aqui citado ganhou enorme repercussão ao contribuir, em 1948, com uma campanha contra os quadrinhos movida pelo empresário Audálio Dantas, dono do jornal *Diário de Notícias*. Essa implicância de Dantas com os quadrinhos se deu por motivos comerciais

necessariamente contra o jornal *O Globo*, de Roberto Marinho, que publicava em suas páginas inúmeras tiras, responsáveis por boa parte de suas vendas.

Essa tempestade frente aos quadrinhos, ainda segundo Carvalho (2006), só começou a ser minimizada em 1949, ano em que o Congresso Nacional decidiu intervir no contexto criando uma comissão para analisar os quadrinhos, conforme explicita o próprio autor em seu livro em uma nota de rodapé:

Nessa época, os críticos da ABE (Associação Brasileira de Educação), já haviam admitido que haviam exagerado em suas afirmações anteriores. Muitos deles confessaram que criticaram as HQs sem mesmo terem lido um único gibi em toda a vida (CARVALHO, 2006, p. 33).

Anteriormente no ano de 1928, essa mesma Associação que por muito tempo criticou os quadrinhos sem conhecimento de causa, fizeram um protesto formal, escrevendo textos supostamente educativos. Após esse fato, o sociólogo, escritor e autor de *Casa grande e Senzala*, deputado Freire (2006), dotado de grande conhecimento em relação aos quadrinhos, chegou a uma conclusão bastante positiva, em relação as HQ:

As HQs, em si, não são boas nem más, dependem do uso que se faz delas;
As HQs ajudam na alfabetização;
Por meio de seus enredos, elas ajudam os leitores a ajustar suas personalidades à época e ao mundo;
As HQs preenchem a necessidade de histórias e aventuras da mente infantil.
(FREIRE apud CARVALHO 2006, p. 34).

Concordamos com Freire (2006), em especial quando diz “As HQ, em si, não são boas nem más, dependem do uso que se faz delas”. Isso nos faz recordar que durante a construção de um de nossos artigos acadêmico intitulado *A linguagem publicitária televisiva e sua influência sobre o comportamento infantil*, em que tivemos contatos com as ideias, da autora Rosenberg (2008) em que dizia justamente isto: a Tevê, juntamente como as demais mídias podem ser tanto nocivos ao desenvolvimento da criança como também ter uma influência positiva; uma boa “nutrição” dependerá muito da forma de lidarmos com os riscos ofertados por esses meios. Sabe-se que a conduta ideal é a de não aceitar tudo o que ouvimos sem antes exercermos nosso direito de refletir, pois havendo uma boa reflexão, com certeza poderá se fazer com que esses pequenos seres se tornem mentes revolucionárias.

Embora Freire (2006) tenha agido com uma boa índole, a agitação em relação aos quadrinhos voltados para a educação reapareceu novamente na década de 1950, quando em

1953, os jornais de Porto Alegre (RS), em especial o *Correio do Povo*, publicou uma série de reportagens preconceituosas contra os quadrinhos.

Em 1961, o Brasil assim como os EUA, também criou um “código de ética” dos quadrinhos, no qual se proibiam histórias de terror, nudez, ilustrações provocantes e cenas de amor realistas, estabelecendo que, nos gibis, “a justiça sempre deveria triunfar”, praticamente usufruindo dos mesmos princípios estadunidenses. As HQ passavam pelo crivo de censura, com a função específica de verificar os gibis antes que eles chegassem às bancas. Dentre os artigos que constituem o referido código, Ramos e Vergueiro (2012, p.14-15) especificam 18 (dezoito) deles, dos quais transcrevemos apenas seis cujo teor mais nos interessa:

1. As histórias em quadrinhos devem ser um instrumento de educação, formação moral, propaganda dos bons sentimentos e exaltação das virtudes sociais e individuais.
2. Não devendo sobrecarregar a mente das crianças como se fossem um prolongamento do currículo escolar, elas devem, ao contrário, contribuir para a higiene mental e o divertimento dos leitores juvenis e infantis.
.....
5. Não é permissível o ataque ou a falta de respeito a qualquer religião ou raça.
.....
7. A família não pode ser exposta a qualquer tratamento desrespeitoso, nem o divórcio apresentado como sendo uma solução para as dificuldades conjugais.
8. Relações sexuais, cenas de amor excessivamente realistas, anormalidades sexuais, sedução e violência carnal não podem ser apresentadas nem sequer sugeridas.
.....
11. São inaceitáveis as ilustrações provocantes, entendendo-se como tais as que apresentam a nudez, as que exibem indecente ou desnecessariamente as partes íntimas ou as que retratam poses provocantes.

Esses códigos ajudavam na retenção de quadrinhos ditos inadequados a determinada faixa etária.

Embora mesmo com a existência desse código de ética, a obra de Will Eisner *Um contrato com Deus e outras histórias de cortiço*, também passou por uma grande forma de repressão por parte da comunidade escolar. Uma vez distribuída pelo MEC em várias escolas públicas de todo o Estado, diversos Educadores dos Estados de São Paulo e Paraná exigiram

que a obra fosse retirada das prateleiras das bibliotecas, justificando que ela mostrava cenas de violência e sexo, incluindo estupro e sugestão de pedofilia.

A polêmica em torno de *Um contrato com Deus* se limitou a algumas cenas (ANEXOS 1 a 5), que foram contestadas devido à forma com que foram empregadas, visto que se distribuiu esse material para alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, quando na verdade era indicado somente para o Ensino Médio. O MEC, por sua vez, justificou que tais fatos infelizmente estão constantemente presentes em nosso cotidiano.

Nas cenas (ANEXOS 1 e 2) apresentadas por Eisner, é exposto um casal, em que o suposto namorado em crise de ciúmes não aceita as condições de trabalho de sua companheira, passando a agredi-la de maneira bastante violenta, afirmando assim a violência contra a mulher, infelizmente muito comum em nosso cotidiano.

Como se pode observar na cena do (ANEXO 3), o quadrinista representa uma criança juntamente com um homem aparentemente de idade avançada, a qual deixa transparecer um sinal de pedofilia, considerada crime hediondo pela sociedade atual. Outro momento polêmico que surge na referida HQ, é a de um “pai” bêbado que toma um bebê das mãos da esposa e o arremessa no sofá, efetuando assim a violência infantil (ANEXO 4 e 5).

Enfim, para essas primeiras cenas analisadas, observa-se que realmente se trata de assuntos muito fortes, porém muito comuns em nossa sociedade, ou seja, ainda são muito frequentes esses tipos de cenas ocorrerem em lares do mundo todo. No entanto, julgar a postura de Will Eisner aqui, seria inoportuno, haja vista que cabe aos educadores fazer a escolha adequada dos livros/gibis a serem lidos por seus alunos.

Observamos também que os quadrinhos ganharam espaço no meio escolar e, pelo que se sabe, segundo Carvalho (2006), atualmente não existe nenhum código ou lei específica que limite o conteúdo das histórias em quadrinhos até porque a Constituição do Brasil (aprovada em 1988) estabelece em seu artigo V, o direito à liberdade de expressão. Os gibis, no entanto, devem trazer indicações sobre faixas etárias adequadas para a sua leitura caso contrário os autores estarão sujeitos à punição, por desrespeito às leis vigentes (como uma história que incite o racismo, por exemplo).

Carvalho (2006) aponta que boa parte dos sujeitos começa a ler gibis como um importante artifício do processo de alfabetização/ letramento; bem como se tornam capazes de ler histórias em outras línguas. Sem contar que atualmente há uma enorme quantidade de adaptações de vários livros, principalmente de autores renomados e/ou canônicos que, no caso dos alunos, se houver uma orientação adequada por parte dos professores, com certeza

conseguirão fazer com que estes façam a leitura também das obras originais, pois sabemos que o número de leitores de HQ é consideravelmente grande. Carvalho (2006, p. 38) considera que:

Em um país onde poucos leem e a maioria prefere trocar esse hábito pela TV ou videogame, um meio que atrai tamanha leitura não deve ser desconsiderado como formador de opinião e cultura e, muito menos, como porta de entrada para outros tipos de literatura e ferramenta potencial para educar.

Atualmente, é muito comum a publicação de livros didáticos, em praticamente todas as áreas, que fazem farta utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de conteúdo. No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo ME, a partir de meados dos anos 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções.

A partir daí, estava talvez indicado o caminho, para que as últimas barreiras contra a utilização das histórias em quadrinhos, em ambiente didático, pudessem ser derrubadas e as HQ pudessem ser utilizadas livremente por professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem. Felizmente, as últimas décadas do século passado presenciaram, cada vez mais, a utilização de histórias em quadrinhos pelos professores das diversas disciplinas, que nelas buscaram não apenas elementos para tornar suas aulas mais agradáveis, mas também conteúdos que pudessem utilizar para transmissão e discussão de temas específicos nas salas de aula.

Ainda que essa atividade tenha sido inicialmente vista com estranheza pela sociedade, a começar por aqueles professores que haviam crescido na época em que os malefícios da leitura de quadrinhos faziam parte do senso comum, a evolução dos tempos funcionou favoravelmente à linguagem das HQ, evidenciando seus benefícios para o ensino e garantindo sua presença no ambiente escolar formal.

Mais recentemente, em muitos países, os próprios órgãos oficiais de educação passaram a reconhecer a importância de inserir as histórias em quadrinhos no currículo escolar, desenvolvendo orientações específicas para isso. No nosso caso, graças ao reconhecimento, tanto da LDB, quanto dos PCN os quadrinhos puderam alcançar um grande sucesso e, aos poucos, vêm a cada dia conquistando cada vez mais seu espaço, acarretando, assim, uma parceria que felizmente deu certo no campo da educação:

Pode-se dizer que em praticamente todos os países do mundo é possível encontrar exemplos de utilização da linguagem dos quadrinhos nos mais diferentes setores ou atividades humanas, seja com finalidades de educação e treinamento, de entretenimento, como com fins de divulgação ou publicidade de produtos comerciais. Tudo isso evidencia o potencial das histórias em quadrinhos para atingir todas as camadas da população (VERGUEIRO, 2009a, p.84 *apud* PINA, 2012, p. 66).

Diante de tantas especulações a respeito da relação entre quadrinhos e educação, as ideias dos grandes críticos dos quadrinhos Vergueiro (2009a) assim como Pina (2012), servem como uma espécie de “cala boca” para todos aqueles que não acreditam ou não acreditavam nesse imenso potencial das HQ como ferramenta fundamental para a educação, já que ela pode ter um papel muito além.

2.1 Os PCN e a inserção da HQ no processo de escolarização

Este é um tema de grande relevância para nós “simpatizantes das HQ”, visto que em alguns casos a escolarização com este recurso torna-se indispensável, para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens nelas presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização no meio escolar.

Vale ressaltar que rivalizando como bens culturais valorizados sócio-institucionalizados, como o livro didático, as HQ foram atacadas por autoridades políticas e intelectuais e banidas da Escola por muitas décadas. Nessa perspectiva, Carvalho (2006, p.31) explicita que:

Antigamente, os Gibis e os livros didáticos só se juntavam quando a gente colocava o gibi dentro do livro e fingia que estava estudando. [...] Seja pela atraente mistura de textos e desenhos, seja pelos diversos tipos de histórias ou, ainda, por heróis (e super heróis) inesquecíveis, os quadrinhos sempre foram uma mídia sedutora para o público infanto-juvenil.

Com isso, torna-se perceptível que, até pouco tempo, levar histórias em quadrinhos para a sala de aula era motivo de repressão por parte dos professores, justamente pelo fato de serem vistas com “maus olhos”, pela sociedade em geral, ou seja, um material superficial e que de certa forma acabava por distanciar os conteúdos da realidade do aluno. Essa referência nos causa certo desconforto, visto que as instituições que deveriam incentivar seu uso eram as primeiras a chacotear esse gênero que surgiu mesmo que timidamente, mas que atualmente

tem alcançado as escadas do sucesso. E sobre esse descaso em relação ao gênero, Melo (2013, p.15) opina:

[...] não tenho lembranças de atitudes repressivas à leituras de gibis por parte de minhas professoras. Mas também não me recordo de nenhum estímulo [...] recordo que alguém me censurava a leitura compulsiva das revistas, quando tia Carmelita retrucou, dizendo que os gibis tinham também função educativa [...].

Nessa perspectiva, as HQ só se tornaram realidade na sala de aula especificamente por volta dos anos 90 do século passado quando, em face da precariedade da situação da leitura no Brasil, o Governo Federal tomou iniciativas que deveriam viabilizar a formação do gosto pela leitura entre crianças e adolescentes. Acabou por incluir as HQ, tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio de todo o país e isso representou um novo coroamento para a educação bem como para as histórias em quadrinhos no Brasil. Vergueiro; Ramos (2009) asseguram que isso também se tornou possível por essas histórias terem narrativas próprias compostas ao mesmo tempo por imagem e palavras, que exigem uma participação intensa e constante de seu leitor, tornando-o ao mesmo tempo receptor e construtor da mensagem, e nenhuma outra linguagem faz isso tão bem o quanto.

Vergueiro; Ramos (2009, p. 11) apontam que os PCN de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental fazem alusão às tiras e charges, demandando a leitura crítica desses viveres a serem usados em sala de aula; assim, foram divididos em gêneros discursivos adequados para o trabalho com a linguagem oral e escrita. Enquanto as especificidades sinalizadas, os PCN para o Ensino Médio apontam que, quando o aluno identifica os truques que os desenhistas utilizam para criar efeitos de movimento e profundidade espacial nas histórias em quadrinhos, o entendimento desses aspectos torna-se mais efetivo e interessante. Percebe-se a partir daí, a importância de o professor trabalhar a leitura dos quadrinhos de forma que os alunos percebam os recursos visuais presentes no texto de maneira crítica que lhes são apresentadas discutindo-se aspectos da realidade social.

Ainda, conforme Vergueiro; Ramos “somente com o auxílio da LDB, promulgada em 1996, é que as HQ começaram a se tornar valorizadas nesse contexto, porém, os quadrinhos só passaram a ser incluídos de fato na realidade escolar de forma mais efetiva, com a elaboração dos PCN um ano após a publicação da LDB.” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 10).

De forma bastante criativa, estes autores asseguram que os PCN trazem uma releitura das práticas pedagógicas aplicadas, na escola, de modo a criar um novo referencial a ser adotado pelos professores nos ensinos Fundamental e Médio. Logo, é possível constatar que, dentre os vários objetivos dos PCN, um deles diz respeito à necessidade de garantir a todas as crianças e jovens brasileiros, mesmo em locais com condições socioeconômicas desfavoráveis, o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos reconhecidos como fundamental/necessário para o exercício da cidadania.

Diante do exposto, acreditamos que este objetivo se encaixa perfeitamente ao nosso enfoque de pesquisa: os PCN de Língua Portuguesa propõem medidas que viabilizem o uso das diferentes linguagens - verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação. (BRASIL, 1998, p.7).

Diante dessa perspectiva, constatamos que esse foi um dos aspectos que mais nos cativou ao estudar os quadrinhos, essa possibilidade de adentrar em vários campos, ou seja, a imensa possibilidade de se trabalhar a interdisciplinaridade entre as disciplinas, facilitando, assim, a formação leitora dos alunos e trabalhando de acordo com a realidade dos sujeitos. Isso nos faz entender o quanto as HQ tem se tornado uma importante ferramenta para a educação. No entanto, para isso, é imprescindível a mediação do professor, para que os indivíduos tenham conhecimento suficiente a fim de transformar aquilo que não era visto, como aliado para promover o gosto pela leitura e para a formação e aprendizagem do sujeito.

Asseguramos que os créditos dados aos quadrinhos em relação à leitura tornam-se bastante visíveis nos PCN, quando se menciona ser importante trabalhar com outros gêneros como, *hip-hop*, letras de músicas, quadrinhos, cordel, entre outras relacionadas ao contexto cultural. Nota-se que todas essas linguagens, nesse momento, em especial, os quadrinhos, estão cada vez mais sendo bem aceitas no meio educacional.

Vale ressaltar que, durante nossa pesquisa, foram de suma importância os conhecimentos obtidos através da contribuição dos vários autores, mostrando-nos que a presença dos quadrinhos no ambiente escolar tem gerado novos desafios aos professores e trazido à tona uma enorme necessidade de se compreender melhor a linguagem, seus recursos e obras. E, diante de tal situação procuraremos pôr em diálogo a relação entre quadrinhos e educação abordando algumas sugestões aplicáveis na sala de aula, que podem e muito auxiliar

o docente. Nesse sentido, referindo-se aos quadrinhos como recurso pedagógico Vergueiro; Ramos (2009, p.8) afirmam:

O desafio é saber olhar os quadrinhos como um recurso pedagógico. Se isso for feito, o profissional da área vai se surpreender com a enorme gama de recursos e contribuições que a linguagem e suas obras podem trazer à realidade escolar. E a educação brasileira, com certeza, só tem a agradecer por isso.

Observando o conteúdo da citação acima, esta nos causa certo alívio, já que houve um tempo, em que levar revistas em quadrinhos para sala de aula era motivo de repressão por parte dos professores, pois tais publicações eram interpretadas como leitura de lazer e, por isso, superficiais e com conteúdo aquém do esperado para a realidade do aluno. Dois dos argumentos muito utilizados e totalmente carentes de fundamentação era que geravam “preguiça mental” nos estudantes e os afastavam da chamada “boa leitura”. Para tanto, esse argumento preconceituoso, equivocado, vem mesmo que lentamente, quebrando essa visão estereotipada, ao serem aceitas na sala de aula, tanto pelos alunos, quanto pelos professores.

Trazemos a perspectiva de Carvalho (2006), que propõe a utilização das HQ em sala de aula de duas formas: uma paradidática e a outra multidisciplinar. Isto significa que os exercícios podem ser realizados facilmente bem como servir de inspiração para os professores de maneira geral. Para facilitar um pouco mais as dicas, o autor dividiu essas propostas de exercícios por disciplina, lembrando que não se trata de uma cartilha, já que se faz necessário o professor ter a liberdade para criar seus próprios modelos e adaptá-los a qualquer nível de ensino aqui já citado (Fundamental/ Médio). Outro fator é que deve-se considerar, tanto o nível intelectual do aluno, quanto ao seu desenvolvimento dentro do programa escolar.

Analisando as sugestões de Carvalho (2006), para a disciplina de Língua Portuguesa, observamos que é possível trabalhar com o aluno, mesmo aquele que ainda não aprendeu a ler, e criar diálogos a partir de determinada figura/imagem e ou ainda trabalhar a ortografia com alunos maiores. Há outra possibilidade: nas indicações de leitura de obras literárias, sugerir algumas quadrinizações devido à imensa facilidade dos alunos com as HQ (não devendo ser entendida como forma de substituir o livro).

Vergueiro; Ramos (2009) bem como os PCN de Língua Portuguesa também apresentam outras propostas para trabalhar com os quadrinhos, a charge, o cartum e/ou a tira em sala de aula. Verifica-se, a partir daí, o quanto as HQ têm se tornado um instrumento potencial para

educar, para formar o gosto pela leitura e para fazer com que os sujeitos sejam capazes de interpretar (fazer diferenciadas leituras) de vários aspectos sociais, já que:

[...] até os vestibulares (a Unicamp constantemente usa os quadrinhos em suas questões) e o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) se apropriaram do recurso. No concurso que selecionou docentes para a rede estadual de ensino do estado de São Paulo, realizado em 2003, havia também uma questão com o tema (VERGUEIRO; RAMOS 2012, p. 66).

Atualmente, depois de todas essas discussões sobre os benefícios/malefícios dos quadrinhos, o Governo Federal vem utilizando em vários de seus exames, a saber: ENEM, Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), Prova Brasil, Vestibulares e Concursos este importante instrumento justamente por facilitar bastante a forma de como se apontar os problemas principalmente sociais existentes em nosso meio. E a partir daí percebermos o quanto é fundamental para que possa se posicionar diante dos fatos e ideias que circulam por meio do senso crítico de leitor. Exemplo disso, apontamos uma das questões da prova do ENEM 2011 que trouxe o seguinte texto:

Figura 1: Quadrinhos dos anos 10



Disponível em: <http://www.terra.com.br>. Acesso em: 10 jun. 2013 (adaptado).

A partir dessa imagem, a sugestão do INEP foi que os candidatos redigissem um texto dissertativo contendo a seguinte proposta: “Com base na leitura desses textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema: Viver em rede no século XXI: os limites entre o público e o privado, apresentando proposta de conscientização social que respeite os direitos humanos”.

Sabe-se que bons textos surgem a partir das aprovações que acontecem no ENEM, já que muitos conseguem se inserir no meio acadêmico devido à qualidade crítica de textos produzidos e à capacidade de realizar essas leituras em diversos tipos de linguagem que

aparecem como meio de desafio para sua vida. Assim, Silva (2009) explicita que tal leitura está intimamente relacionada às ações inquiridoras do leitor em relação à razão de ser e à verdade dos fatos (ou ideias), conforme apresentadas em diferentes artefatos da linguagem escrita.

Nessa mesma perspectiva, Silva (2009) aponta que nessa imagem utilizada pelo ENEM, está implícita a ideia de avaliação, das quais o leitor interage, mostrando com isso seu amadurecimento no que se refere ao senso crítico por ele adquirido:

A leitura crítica sempre leva à produção ou à construção de outro texto: o texto do próprio leitor. [...] a leitura crítica sempre gera expressão: o desvelamento do SER do leitor. Assim, esse tipo de leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação de significado; a leitura crítica deve ser caracterizada como um PROJETO, pois caracteriza-se numa proposta pensada pelo ser-no-mundo [...] (SILVA, 2009, p.30).

Com essa prática, a partir dela o sujeito se torna capaz de fazer sua própria leitura, de defender um tema com apenas três ações fundamentais (opinar, argumentar e convencer), de interpretar as questões solicitadas, de redigir bem a partir da linguagem verbal e/ou não verbal, conquistando o sucesso pessoal e profissional almejado por todos. Isto é possível porque esses dispositivos visuais gráficos vinculados pela sociedade discutem muito bem aspectos da realidade social, utilizando-se de muito humor:

Diferentes gêneros de quadrinhos ligados ao humor se fazem presentes também no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), processo de avaliação feito pelo governo federal. Um dos eixos cobrados dos alunos é o domínio de leitura de outras linguagens, que não sejam apenas as transmitidas pelo código verbal escrito, como registra o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) sobre os critérios que pauta a prova: O Enem quer saber até onde vai a sua capacidade para entender as várias formas de linguagem, seja um texto em português, um gráfico, uma tira de história em quadrinhos ou formulas científicas. Você tem que mostrar que conhece e entende os códigos verbais e não-verbais. (INEP 2008 apud VERGUEIRO; RAMOS, p. 11-12).

Mais uma vez os PCN (1998, p.54) retratam que os gêneros quadrinísticos, especificamente a charge e as tiras, são fundamentais para desenvolvimento do trabalho da prática de escuta e leitura de textos além de um precioso suporte para a linguagem escrita, comumente proporcionadas ao leitor.

Ainda de acordo com os PCN, uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que a ser superada é a do mito da interpretação única,

fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. É necessário que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos: às vezes é porque o autor “jogou com as palavras” para provocar interpretações múltiplas; às vezes é porque o texto é difícil ou confuso; às vezes é porque o leitor tem pouco conhecimento sobre o assunto tratado e, a despeito do seu esforço, compreende mal. Há textos nos quais as diferentes interpretações fazem sentido e são mesmo necessárias: é o caso de bons textos literários.

Esta pesquisa tem como meta, além do que foi sugerido em nossos objetivos, contribuir como subsídios de pesquisa, para que os docentes de diversas disciplinas ou áreas do conhecimento saibam lidar de maneira mais eficiente com os quadrinhos na sala de aula. Através da leitura de Vergueiro; Ramos (2012), é possível constatar muito bem essa relação, destacando que os quadrinhos no ensino da Geografia, por exemplo, podem ser trabalhados levando-se em consideração as paisagens e culturas diversas. Ultimamente a geografia passou por um processo de renovação, que resgatou a importância da leitura da paisagem, entendida como aspecto visível do espaço geográfico.

Nessa perspectiva, as histórias em quadrinhos tornaram-se bastante oportunas, já que trabalham com o texto e a imagem ao mesmo tempo, além de darem conta da dimensão temporal e espacial. Além das inúmeras possibilidades de utilização dos quadrinhos no ensino de Geografia, outra ideia ressaltada pelos autores é trabalhar o urbano e o rural a partir das historinhas de Chico Bento, procurando derrubar a ideia preconcebida de que o que pertence ao mundo rural está fechado somente no rural. Essa ideia é totalmente equivocada! Concordamos com Vergueiro; Ramos (2012), segundo os quais, no senso comum ou até em alguns livros didáticos de Geografia, tais conceitos são tratados de maneira equivocada, visto que o urbano aparece associado sempre à cidade, em oposição ao rural, sempre associado ao campo. É preciso se discutir com os alunos que muitos dos aspectos ligados ao rural estão presentes na cidade, assim como muitos aspectos do urbano estão presentes no campo. Nessa perspectiva Pina (2012, p.41) considera:

Os professores do ensino básico e médio, quaisquer que sejam suas disciplinas, são mediadores de leitura: ensinam – ou devem ensinar – seus alunos a lerem as linguagens das ciências, das artes, do corpo etc., mas nem sempre foram ensinados a trabalhar com essas múltiplas textualidades, o que os leva a entender que as mesmas habilidades podem servir para ler qualquer texto e que os sujeitos já nascem com elas, a escola apenas as aprimora. E o

que é mais grave: a Escola pensa que basta ter livros e ensinar técnicas de leitura para formar leitores.

Partindo deste pressuposto, nota-se que os estudos dos PCN vão de encontro ao discurso de Pina (2012) assim como os de Bourdieu (2011), pois tanto no Ensino Médio quanto no Fundamental dão margem a se trabalhar as diversas linguagens, sem limitar classe ou sujeitos específicos para adquirir tal saber. Nesse sentido é que Bourdieu (2011) vem censurar vários desses aspectos, fazendo duras críticas ao sistema de ensino, que privilegia a classe dominante. Neste momento, a escola passa a ser vista como uma instituição que apenas reproduz os valores da sociedade e que, ao mesmo tempo, legaliza as desigualdades, deixando a ser percebida como um local injusto, que não promove a igualdade das oportunidades, tampouco transmite da mesma forma os conhecimentos, fazendo-nos lembrar da luta de classes tão bem referenciada ao marxismo.

O professor não deve estar sujeito a fazer de seus alunos apenas reprodutores do conhecimento, das informações; de acordo com Silva (2009), é importante transformar os indivíduos em leitores críticos que sempre se movimentam no horizonte do bom senso, que buscam e detectam o cerne das contradições da realidade. Dessa forma, pela leitura crítica, o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza novas sínteses, combate assiduamente qualquer tipo de conformismo e qualquer tipo de escravização.

2.2 HQ e formação leitora

A leitura é em si um acontecimento em que a língua se transforma: as significações são abaladas; as relações entre palavras, entre as frases, se modificam; os mesmos segmentos lidos novamente trazem novos sentidos. A noção de leitura supõe, pois, a ação do pensamento e os seus efeitos sobre a própria língua. Com isso, a relação entre pensamento e linguagem está em constante movimento e interferência, sem que ocorra a permanência de apenas um estado da língua, que seria manipulado pelo pensamento. (NUNES, 1994, p. 16).

Entendemos e, com base nessa assertiva, concluímos que a leitura é primordial na formação do indivíduo e do cidadão; entretanto é necessário que os sujeitos saibam fazer bom uso desta ferramenta, para assim, não serem manipulados e dominados pela própria sociedade na qual estão inseridos.

É necessário, aqui, definir o que entendemos como a função da leitura em nosso meio e ainda o que apreendemos com o auxílio de vários autores a respeito da formação de leitores.

Para o primeiro enfoque, utilizamos dos PCN (1997), que apontam a leitura como tendo a finalidade de formar leitores competentes, capazes de, por iniciativa própria, selecionar dentre vários textos que circulam socialmente, aqueles que atendam a sua necessidade no dado momento. Ao refletir sobre a formação leitora, sabe-se que esta é imprescindível, e que contribui enormemente para proporcionar ao indivíduo a sua inserção no meio social caracterizando-o como cidadão participante. No caso de uma criança, sabemos que ela, por sua vez, já aprende a ler antes mesmo de adentrar no espaço escolar, ou seja, dentro das próprias situações familiares.

Desse modo, Yunes (2003, p.41) salienta que a leitura é um ato que precede e não decorre da escrita, ao contrário do que supõe, ela é antes de tudo uma antecipação da escrita, pois para escrever o mundo é necessário que ele tenha sido lido. A experiência efêmera de ler, às vezes, se deixa prender por uma “escrita”. Assim, verifica-se que o ser humano, sem que perceba, está rodeado pelo mundo da leitura. Parafraseando Freire (1985), este faz uma “leitura do mundo” que os rodeia, referindo que é possível se fazer essa leitura sem ao menos conhecer palavras, frases ou expressões, pois é próprio do ser humano o desejar, o conhecer, o decifrar, todos esses são aspectos provenientes de uma curiosidade, que o ajuda a refletir e a adquirir novos conhecimentos.

Privilegiamos também a concepção de leitura pautada em Freire (1985, p.11) pela qual o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.

A formação leitora é uma atividade dinâmica que abre ao leitor amplas possibilidades de relação com o mundo, de compreensão da realidade que o cerca, de inserção no mundo cultural da sociedade em que vive. Todavia, formar um leitor competente significa que ele seja capaz de compreender o que lê, de admitir que, a um mesmo texto, podem ser atribuídos vários sentidos, e ainda de perceber o que está nas entrelinhas, estabelecendo com isso relações com suas leituras anteriores. Nesse sentido, os PCN (1997, p.53) reforçam que “qualquer leitor experiente que consiga analisar sua própria leitura, conseguirá constatar que a decodificação é apenas um dos procedimentos que o leitor utiliza quando lê”.

Ainda na perspectiva de Nunes (1994), é perceptível que as preocupações em relação à leitura façam menção ao campo da pedagogia, onde se desenvolvem estudos sobre a leitura na escola, a formação do leitor, e ainda enfatiza o efeito do ensino de leitura, sobre a

alfabetização. Unindo a leitura e a HQ é possível se trabalhar com questões culturais, sociais que afetam diretamente a escola e, por conseguinte a leitura.

Isso se torna perceptível à medida que constatamos e em tempo concordamos quando Nunes (1994) afirma que a leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social, que fortifica o que é individual, porque nela se manifestam particularidades do leitor: suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social, porque está sujeita às convenções linguísticas, ao contexto social, à política.

A leitura deve ser inserida desde muito cedo na vida das crianças, pois esse ato, segundo Carvalho (2004), configura-se como uma prática social na qual se incluem os sujeitos produtores de sentido, ou seja, o autor e o leitor, além de ser uma atividade que relativa a um processo discursivo. Nesse sentido, sabe-se que o uso da história em quadrinhos na sala de aula se constitui como uma proposta pedagógica que fornece o incentivo à leitura, transformando o aluno em um sujeito leitor crítico.

Pode-se ver a leitura como construção de subjetividades, que envolve preferências, e escolhas, pois como diz Pennac (1993, p. 139), todos os leitores possuem seus direitos. Que direitos são esses que o autor refere? São os direitos de pular páginas, de ler primeiro o final, de escolher qual livro ler e até mesmo não ler. Nesse sentido, concordamos com ambos, já que a leitura tem que nos causar arrepio bem como o prazer, como diz o próprio Barthes (1967). Para que isso aconteça, o indivíduo tem que ter a liberdade de ler o que quer e que gosta, para, após ter conhecido o gosto pela leitura, ser capaz de fazer leituras mais amplas sugeridas por outros. Isso acontece com os quadrinhos, já que se trata de uma leitura tão prazerosa. Moya (2013, p.30) diz que “comecei a ler histórias em quadrinhos antes mesmo de aprender a ler português”; essa relação é que nos faz compreender o quanto somos sujeitos e consequentemente pertencentes ao mundo dos leitores.

Vale ressaltar que Alves (2003, p.18) usando de sua bela ousadia define o ato da leitura como uma experiência para ser vivida com prazer, experiência vagabunda, ou seja, solta, sem cobranças, sem relatórios. Assim, que não se deve ler apenas para responder questionários ou para interpretação, mas ler por puro prazer, ou melhor, ler pelo simples gosto de ler. O conhecimento, a interpretação, o questionamento, vêm por acréscimo. Isso os quadrinhos fazem bem feito, já que os leitores de HQ viajam e se divertem em suas leituras.

Os PCN também contribuem de maneira bastante significativa com esses autores, já que sugerem leituras através de jornais, de revistas, de fotos de família, enfatizando a importância de se ler imagens, uma vez que estas, além de textos, se compõem como uma unidade de

significado. Também sugerem que o professor desenvolva práticas leitoras com textos de diferentes gêneros, priorizando os que circulam socialmente. Nesse sentido ressalta Yunes (2009, p.1):

O ato de leitura não corresponde unicamente ao entendimento do mundo do texto, seja ele escrito ou não. A leitura carece da mobilização do universo de conhecimento do outro - do leitor - para atualizar o universo do texto e fazer sentido na vida, que é o lugar onde o texto realmente está. Aprender a ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais (jornalísticas, artística, judiciária, científica, didático-pedagógico, cotidiana, midiática, literária, publicitária, entre outras) para desenvolver uma atitude crítica, quer dizer, de discernimento, que leve a pessoa a perceber as vozes presentes nos textos e perceber-se capaz de tomar a palavra diante deles.

A leitura não é simplesmente a decodificação de imagens ou palavras e vai além da alfabetização. Ainda segundo a autora, ler está longe do ato de somente decifrar letras combinadas em códigos fonético-fonológicos, morfológicos e sintáticos. Isso significa que a leitura não é mero exercício sobre a escrita dos outros, mas formulação lenta da própria escrita em resposta, em diálogo, seja como relatos, seja como ações. Para Yunes (2009), o ato de ler está vinculado ao conhecimento do mundo em que está inserido o leitor, capaz de conhecê-lo e de interpretá-lo. Nessa leitura, o pessoal e o social desse leitor se integram dando-lhe significados de vida.

Ainda sob esse enfoque, trazemos o ponto de vista de Berenice (2012) ao se referir à leitura na escola: se nós, professores, não acreditarmos que é possível mudar a nossa vida através da educação, então, é melhor fechar as portas das escolas. Constatamos que está coberta de razão, pois vemos que, embora a modernidade tecnológica esteja modificando radicalmente o mundo, ainda é através da leitura mediada pelas instituições escolares que conseguimos dominar as demais tecnologias, as mídias eletrônicas.

Devido aos desafios postos à prática de ler, a autora escreveu sua obra, na qual se nota que o problema da leitura não se encontra no desinteresse do aluno, e tão pouco naquele demonstrado por grande parte dos docentes em relação ao fato, mas nas estratégias metodológicas para a formação de um processo leitor que é apenas o método no qual o aluno utiliza-se apenas para o seu próprio consumo afastando do prazer da leitura que, se praticado no Brasil - país ainda muito precário no letramento de sua população -, diminuiria muitos problemas relativos à educação, como os explicitados por Pina (2012, p.50):

No Brasil urbano, boa parte das crianças e jovens frequenta escolas, no Brasil rural os índices são menores. Ainda assim, com todos os programas governamentais de apoio à escolarização, os números do analfabetismo brasileiro incomodam: somente na Bahia, o IBGE, em resultados de pesquisa referentes a 2010, informa que temos 15.39% de analfabetos totais no estado – são mais de 1.800.000 baianos que não podem ler nem escrever. Conte-se ainda o grande e fantasmagórico quantitativo de analfabetos funcionais.

Para que essa situação mude, segundo Berenice (2012), é necessário que as práticas de leituras interdisciplinares trabalhem com aspectos pessoais e psicológicos do leitor além de abordagens sociais da comunidade e valorização do repertório cultural do leitor. Para que esse repertório cultural do leitor aconteça, temos que dar liberdade aos leitores. Tal liberdade, para Silva (2005), significa ouvir, ou melhor, escutar e aproveitar pedagogicamente os sentidos produzidos através da leitura dos textos propostos, remetendo sempre esses sentidos para a esfera da compreensão cada vez mais refinada e profunda da realidade. Segundo o autor, enquanto a escola e, mais especificamente, os professores, não entenderem que ler é interagir para produzir sentidos, (e não reproduzir os sentidos protocolados e cristalizados por quem quer que seja), uma mudança, para melhor do ensino vai ficar a ver navios.

O ato de leitura para Yunes (2009) não corresponde unicamente ao entendimento do mundo do texto, seja ele escrito ou não. A leitura carece da mobilização do universo de conhecimento do outro - do leitor - para atualizar o universo do texto e fazer sentido na vida, o lugar onde o texto realmente está. Aprender a ler é familiarizar-se com diferentes textos produzidos em diferentes esferas sociais (jornalísticas, artística, judiciária, científica, didático-pedagógico, cotidiana, midiática, literária, publicitária, entre outras), o que faz com que se desenvolva uma atitude crítica, ou seja, de discernimento, que leve a pessoa a perceber as vozes presentes nos textos e a perceber-se capaz de tomar a palavra diante deles. Nesse sentido, associamos os conceitos defendidos pela autora a nossa pesquisa, já que nos fazem entender que a leitura vai além das simples palavras. É justamente por isso que evidenciamos as grandes possibilidades de se trabalhar com quadrinhos desde o texto verbal ao não verbal. Para a autora, ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significativa, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-las com palavras, gestos, traços. A leitura é uma escrita de si mesma, na relação interativa que dá sentido ao mundo, da qual partindo da leitura cada sujeito, independente da forma que faz, pode está escrevendo sua própria história no mundo letrado.

Yunes (2009, p.44) faz um convite para se pensar em como podemos contribuir para a formação de leitores, pois, ainda conforme a autora “a leitura não se constrói sobre o nada. Há

algo que provoca o leitor, interessa-lhe, instiga-lhe outro pensamento que lhe permite dar asas à imaginação”. Nessa perspectiva, a autora nos chama a atenção para o fato de que dentro e fora da escola, crianças e adultos, precisam reaprender a ler e a reinventar a leitura. Para isso, o começo é perceber que não lemos palavras, mas sequências nas quais as palavras se comunicam, se negam, se contradizem e nos surpreendem: espreitar suas relações, observar suas ambiguidades pode nos tornar mais perspicazes e sensíveis.

Yunes (2009, p.58) afirma que “viver a aventura da palavra é viajar pelo tempo/espço da condição humana”. Os quadrinhos nos permitem esta viagem, já que utilizam de vários artifícios que tem ajudado no crescimento das crianças, jovens, adultos e também os professores na área pedagógica. Por isso, Confortin (1999 *apud* PINA, 2012, p. 54-55) assegura:

Não é fácil ler e entender quadrinhos. A sua leitura pressupõe um ato complexo de abstração e de síntese por parte do leitor. É o leitor quem dá movimento e continuidade em sua imaginação, uma vez que os elementos que definem, compõem e integram-se nos quadrinhos são enquadramentos [...] que reforçam suas expressões.

Depois de muitos estudos, imaginávamos que falar de HQ seria fácil, porém quanto mais estudamos percebemos que não é tão simples assim, já que há muitos anos atrás havia um enorme preconceito relacionado à temática dos quadrinhos principalmente em sala de aula, fato esse que permanece até os dias atuais, porém não com a mesma intensidade. Entretanto, ainda assim se faz presente, já que muitas pessoas criam resistência ao falar ou até mesmo aceitar esse gênero como formador de leitores, achando que “tal estilo” seja incapaz. Tais pensamentos como os dos grandes críticos Vergueiro (2009), Pina (2012), McCloud (2006), Barbosa (2004), Ramos (2009), Carvalho (2006) e tantos outros, dão uma nova visão às HQ, por acreditarem que os quadrinhos podem ser utilizados em sala de aula como um importante suporte capaz de ajudar no desenvolvimento da leitura. Atitudes como essas, têm auxiliado muitos sujeitos a criar um olhar benéfico em relação à imagem dos quadrinhos e, sobretudo a sua utilização na sala de aula, como incentivo à formação do leitor. Segundo Barbosa (2004, p.23):

[...] a ideia preconcebida de que as histórias em quadrinhos colaboravam para afastar as crianças e jovens da leitura de outros materiais foi refutada por diversos estudos científicos. Hoje em dia sabe-se que, em geral, os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livros. Assim, a ampliação da familiaridade com a

leitura de histórias em quadrinhos, propiciada por sua aplicação em sala de aula, possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura.

Dessa maneira, torna-se perceptível que as HQ despertam no leitor um grande interesse pela leitura, justamente por apresentar traços que o aproximam da oralidade, servindo principalmente para aqueles que ainda não se apropriaram plenamente do letramento. Nesse sentido, para discutir a História em Quadrinhos como instrumento relevante para se formar o gosto pela leitura e para a formação do leitor, Carvalho (2006) contribui significativamente conosco, já que discute muito bem sobre esse gênero. Nessa perspectiva, explicita que:

As HQ não só melhoraram minha leitura (eu lia mais rápido e sem “soquinhos”) como também ampliaram o meu vocabulário... Quanto mais crescia mais gibis eu lia. Nas horas vagas, também desenhava, mas o que eu gostava mesmo era de ler e saber mais sobre as Histórias e seus autores. Na faculdade, sempre que podia, fazia trabalhos sobre HQ ou as usava para ilustrar outros trabalhos. [...] tive a chance de entrevistar grandes mestres das HQ, e foi o maior deles, Will Eisner, que me disse algo que nunca esquecerei: Parei de desenhar o spirit para apostar no potencial dos quadrinhos para educar, eles são uma ferramenta e tanto para isso. (CARVALHO, 2006, p.12).

Carvalho (2006), afirma que Eisner por sua vez, ao produzir quadrinhos educativos, tinha como desejo e intuito beneficiar a sociedade, porém nem todos pensavam da mesma maneira que ele, visto que aqui no Brasil, em 1928 surgiram as primeiras críticas formais contra os quadrinhos. Retomando mais uma vez, o autor salienta que a própria ABE realizou um protesto contra os quadrinhos, pois acabavam por “incutir hábitos estrangeiros nas crianças”. Partindo dessas ideias bem como da citação acima percebe-se que, embora as HQ tenham passado por inúmeros preconceitos, o desejo do leitor por elas é enorme, pois a curiosidade acaba por movê-lo a diferentes mundos contribuindo assim para uma excelente formação. Parafraseando Alves (2003), concordamos que a leitura deveria ser proibida, já que tudo que é proibido é desejado.

Mesmo depois de uma longa história de rejeição, a imagem dos quadrinhos começou a ganhar destaque. Isso só se tornou possível, graças aos estudos desenvolvidos por grandes teóricos, críticos, licenciados bem como acadêmicos. Eis que Vergueiro (2012, p.20) afirma:

[...] as HQs apareciam nos livros didáticos em quantidade bastante restrita, pois ainda temia-se que sua inclusão pudesse ser objeto de resistência ao uso do material por parte das escolas. No entanto, constatando os resultados

favoráveis de sua utilização, alguns autores de livros didáticos – muitas vezes, inclusive, por solicitação das próprias editoras -, começaram a incluir os quadrinhos com mais frequência em suas obras, ampliando a sua penetração no ambiente escolar.

Com essa proposição, fica evidente o valor dado as HQ, tratando-as como um instrumento potencial para educar. A partir das considerações de Carvalho (2006) e Vergueiro (2009), percebe-se o interesse de Eisner em investir em um instituto criado justamente para produzir quadrinhos educativos e institucionais. Essa importante criação de Eisner ficou comprovada no período dos estágios III e IV em que se tornou evidente a relevância dos quadrinhos em sala de aula como uma respeitável ferramenta para nós professores em classe, servindo como formador do gosto pela leitura. Verificou-se que os alunos preferiam as atividades e textos que continham tirinhas e quadrinhos, comprovando, assim, segundo (RAMOS, 2009, p. 13), que a contextualização só foi e é possível quando “vê-se uma relação entre quadrinhos e educação, bem mais harmoniosa”.

De acordo com nossas pesquisas, é perceptível que as HQ tenham se transformado em uma excelente ferramenta educacional capaz de contribuir para que os professores, principalmente os de Língua Portuguesa, possam trabalhar a questão da interpretação, sendo este um dos aspectos dos quais concordamos com Vergueiro (2009) quando enfatiza que os quadrinhos também podem ser bons instrumentos na hora de transmitir ou revisar o conteúdo de outras áreas do conhecimento, como história, física, matemática e geografia. Nesse sentido, o limite é a criatividade ou a imaginação do professor. Se quiser discutir uma questão de física, por exemplo, pode trabalhar alguma história de super-heróis.

Uma das principais vantagens em se trabalhar com HQ em sala de aula é a aproximação do professor com um universo já conhecido pelo aluno, além da dinamização da disciplina. Vergueiro (2009) ressalta que os estudantes já estão familiarizados com os quadrinhos, e o custo desse material é relativamente baixo, o que diminui as chances de desinteresse ou rejeição. Mas é preciso planejamento, pois a má aplicação do recurso pode prejudicar o aprendizado e provocar nos alunos até antipatia pelo meio. Segundo o especialista, o professor tem que se preparar, considerando que:

Os quadrinhos não podem ser vistos como uma espécie de panacéia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro. Pelo contrário, deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando

todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes (VERGUEIRO, 2009, p.27).

Assim como concordamos com Vergueiro (2009), temos também nossa afinidade com Pina (2012, p. 26) quando enfatiza que “Ler uma obra artística impressa pode ser entendido como um ato que aciona e constrói mundos e vontades. Nós não nascemos leitores de literatura ou de HQ (Histórias em Quadrinhos), sequer nascemos leitores do mundo, precisamos ser educados para ler os livros e a vida”. Nesse sentido, sabe-se que é a partir do incentivo, da criatividade que nos tornamos bons leitores. É justamente por isso que acreditamos e damos créditos a Pina, segundo a qual: “O gosto pela leitura surge, paradoxalmente, do exercício da leitura. Conjugando a intelectualidade e a afetividade, esta como consequência daquela, o ato de ler pode transformar o leitor em um sujeito de poder.” (PINA, 2012, p. 28).

Além do aprendizado e das reflexões que adquirimos com Pina (2012), buscamos também dialogar com o pesquisador Souza (2004), visto que discute muito bem os caminhos para a formação do leitor. Conforme o autor, infelizmente poucas crianças têm contato com adultos, pais, professores e outros que recomendam a leitura, falam em livros e autores “clássicos”, pois, na verdade não são leitores nem se interessam pela literatura. Apesar de bem intencionados, essas pessoas são adeptas da filosofia do “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”. Por esse motivo, surge a questão que nos inquieta: como formar leitores se eles (os professores) não são referências para os próprios alunos? A mesma reflexão serve para os pais, porém, com uma exceção, já que muitas famílias brasileiras são analfabetas, não podendo estimular a leitura praticando-a, mas incentivando e dando como exemplo a dualidade, o diferencial entre as oportunidades que tiveram.

Souza (2004) nos faz o seguinte questionamento: o que é exatamente um leitor? Segundo esse pesquisador, leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir os diferentes tipos de livros, as diferentes “literaturas”, científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas entre outras existentes por aí. O autor explicita ainda que é leitor aquele que consegue, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico, ou uma obra filosófica de uma informativa. Afirma que leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar suas visões de mundo, seja por puro e simples entendimento.

Para formar um leitor, para Souza (2004), é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também um esforço que se justifica e se legitima juntamente através dessa atenção que se estabelece. Para formar novos leitores, é necessário dispor tempo e dedicação. Ler textos diversos, conhecer novos autores, na investigação por leituras que motivem não só o mediador, primeiro leitor, mas em especial aqueles a quem a leitura será conduzida, isto é, aos alunos. A partir dessas reflexões, nota-se que as HQ e, a leitura precisam caminhar juntas, nesse aspecto Barbosa; Vergueiro (2004, p. 22) consideram:

Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente – a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir.

Dessa maneira, a leitura já carrega tamanho poder, quando associada à imagem elas se tornam mega - poderosas por isso é, os quadrinhos, quando bem analisados, exercem tamanha capacidade de observação e olhar críticos nos sujeitos, possibilitando-os a fazer diversas leituras, em especial a leitura dos meios de comunicação social que apenas jogam a todo o momento notícias e imagens para a sociedade, e na grande maioria das vezes, não fazem uma reflexão sobre os acontecimentos e fatos.

Desse modo, aliando os quadrinhos à educação, cabe aos professores alertar os alunos a lidar com essa realidade e começar a observar o que há por trás das entrelinhas, tornando-os leitores críticos capazes de perceber o que diz cada imagem, e vale alertar que isso se tornou possível porque “Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura [...] Os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livros” (BARBOSA, 2004, p. 23).

Nesse sentido, Silva (1997), nos mostra que o “ato de ler ocorre, de fato, quando acontece a abertura da consciência para aquilo que se deseja ler, não necessariamente texto verbal, escrito” e a partir desse pensamento, não temos como não inferir a História em Quadrinho, que transforma o leitor capaz de pensar a realidade e recriá-la a partir do lido.

Pensamos que nossa identificação com Silva (1997), se deu pelo fato de este aproximar-se da nossa linguagem e destacar o papel da família bem como da escola, considerada a primeira responsável pela inclusão do ser sujeito na leitura de mundo e de textos. Neste contexto, nota-se que a leitura dos quadrinhos, estimulada pela família, serve como meio de

combater a ignorância e alienação. No que se refere o papel da família como incentivadora da leitura, Frank Smilt (*apud* Silva 1997, p. 87-88) assegura que:

[...] as crianças não aprendem através da instrução, elas aprendem através do exemplo, e aprendem atribuindo significado a situações essencialmente significativas. [...] As crianças aprendem desde o momento em que vêm ao mundo. Uma criança aprende ouvindo conversas de sua mãe, dentro e fora de casa. Ela aprende quando seu pai dá-lhe uma chance para trabalhar com pregos e martelo. Ela aprende quando acha necessário verificar o preço de um equipamento esportivo num catálogo [...] então podemos inferir que esse mesmo ambiente deve ser potencialmente significativo em termos de livros, leitores e leitura.

Assim, é preciso que haja ‘modelos ou exemplo de leitura’ dentro dos lares para a criança perceber e assimilar o valor e a função social do ato de ler. A HQ permite esse ambiente, pois, de acordo com Vergueiro (2012, p. 21), possui duas características fundamentais para o aproveitamento, na escola, para a formação do leitor: “acessibilidade e baixo custo”. O custo vem sendo por um longo tempo o empecilho para a prática de leitura e de uma boa educação:

[...] entrei numa livraria do Aeroporto do Galeão e encontrei um livro traduzido de Umberto Eco, cuja leitura parecia essencial à atualização dos meus conhecimentos. Namorei o livro por alguns minutos: folhiei as páginas, vi a relevância dos temas tratados no índice e cheguei até ler rapidamente a metade de um dos capítulos; leitura essa que talvez pudesse ser finalizada durante minha viagem de avião até Vitória. Havia decidido comprar a obra, quando vi o preço da contracapa: R\$ 74.000. Confesso que minha consciência entrou em parafuso, em verdadeiro turbilhão econômico, gerador de indecisão: surgiu na minha mente o valor atual do meu salário e o meu poder aquisitivo... Matutei, matutei e acabei não adquirindo o livro... que Umberto Eco esperasse por melhores dias! Naquele momento e naquela situação, apesar do meu impulso de compra e da significação atribuída aos temas tratados no livro, eu não podia custear um diálogo com ele. [...] como professor, em razão do custo da obra, eu estava sendo impedido de acompanhar a literatura e o avanço dos conhecimentos na minha área de atuação, fazendo-me “ficar pra trás” e desatualizado. [...] Diante de tamanha “cacetada”, tentei sublimar a necessidade de leitura da obra, achando que eu poderia encontrar as recentes ideias e investigação de Umberto Eco em livros mais baratos ou que, se as descobertas e reflexões fossem realmente importantes e revolucionárias, o conteúdo da obra seria devidamente trabalhado pela televisão em horário de pequena audiência. Pura ilusão, certamente! Extrapolei essa minha dificuldade para outras pessoas que talvez ganhando menos do que eu, também são bloqueadas na aquisição de livros – imaginem a grande massa da população brasileira que recebe um ou dois

salários mínimos para garantir a sua sobrevivência, para enviar seus filhos à escola (com o preço do material didático pelo “olho da cara”) [...]. (SILVA 1986, p. 58).

Hoje no Brasil, conforme Luyten (2013) há inúmeras gibitecas espalhadas por vários estados, que possibilita aos pesquisadores ter acesso aos materiais originais além de trabalhar também com o material em loco. Portanto, nota-se que os quadrinhos além de fácil acesso, e de excelentes atrativos, corroboram para o incentivo da leitura dos nossos alunos. Desse modo, o que temos a fazer é habilitar pais, professores, alunos, escola, a sociedade no geral, a lidar com as HQ, já que se trata de obras acessíveis, podendo assim contribuir para a educação de muitos sujeitos que infelizmente ainda permanecem as margens da sociedade. Outro fator também determinante é que atualmente muitas escolas já possuem bibliotecas próprias, e bons projetos como o “Adote um aluno, forme um leitor” organizado pelo LALE, e tantos outros mais que às vezes passam até despercebidos pelo meio social, e que há algum tempo atrás não existiam.

3 - QUADRINHOS SÃO QUADRINHOS – E PONTO FINAL

Os quadrinhos são uma linguagem secreta à parte, e dominá-la apresenta desafios diversos dos enfrentados por qualquer prosador, ilustrador ou outros profissionais de criação (MCCLLOUD, 2008, p.2).

Em síntese, as histórias em quadrinhos permitem aos sujeitos que se apropriem de determinadas formas de conhecimento de uma maneira bastante diferenciada da que estão condicionados. Algumas vezes, certos autores buscam desenvolver em suas obras uma caricatura pessoal. É, a partir desse ponto, é que notamos o avanço das pesquisas linguísticas e educacionais, e que os preconceitos contra a linguagem quadrinística foram diminuindo e, ao mesmo tempo, ganhando espaço ao longo dos anos.

Diante disso, essa linguagem passou a ser desenvolvida como prática de leitura das HQ em sala de aula à medida que vão sendo valorizadas pelas instituições, não somente em sua área, mas em todas as áreas educacionais. Essa linguagem por sua vez está constantemente presente nos livros didáticos e em diversos tipos de avaliação e concursos públicos em diferentes níveis, estabelecendo elos para melhoria das práticas de leitura de diversos espaços.

Vergueiro (2006), assegura que a linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para o aluno decodificar as múltiplas mensagens neles presentes e, para o professor obter melhores resultados em sua utilização. Isso se faz relevante, pois, nos possibilita entender o quanto é importante à linguagem quadrinística, resultante da interação de dois códigos fundamentais, o visual e o verbal. A partir dessa caracterização, percebe-se o quão respeitável se tornou.

Um fator bastante determinante dessa linguagem é que, além de rica, possibilita a inclusão de outros indivíduos neste maravilhoso universo: aqui nos referimos as pessoas com deficiência auditiva, que não se utilizam da linguagem escrita/verbal, mas que podem facilmente fazer a leitura de forma visual.

Ao longo de nossas pesquisas, acessamos informações sobre o projeto “UFSJ sem barreiras”, desenvolvido no Campus de Sete Lagoas da Universidade Federal de São João Del Rei por um grupo de estudantes que, sentiu a necessidade de incluir os colegas sem deficiência no universo de um “deficiente”. O projeto contou com o apoio de professores e autoridades locais e acabou transformado em cartilha pelo cartunista Victor Klier, criador da Turma da Febeça, divulgada por meio de HQ, através das quais o autor com o intuito de

mostrar que qualquer pessoa, independente de suas limitações físicas, pode realizar qualquer atividade – apresenta o cotidiano de personagens portadoras de diferentes necessidades especiais. (Cf. Anexos 6 a 12).

Entretanto, apesar de estarmos habituadas ao estilo das HQ da maneira convencional, sejam elas de aventura, de ação, enfim, achamos muito atraente a proposta de Klier e resolvemos trazer a contribuição desse cartunista no corpo desta pesquisa. O que também nos fez remeter ao fato de que atualmente contamos com a presença de vários alunos com esse tipo de deficiência (auditiva, visual e outras) em sala de aula que os professores julgam não poder trabalhar de maneira adequada com eles, ponderando não possuírem material necessário ou até mesmo apropriado para contribuir com tal formação. Nessa perspectiva, é que então fizemos a seguinte indagação: será que não teríamos aí um precioso instrumento capaz de mudar essa visão estereotipada desses docentes? Isto é, se os nossos representantes governamentais também demonstrassem um maior interesse em “sanar” essas situações.

Sendo assim, é perceptível que há uma gama muito diversificada no que tange a produção de materiais quadrinísticos disponíveis no mercado e que especificamente nesse caso, estão voltadas para produções de cunho humorístico, conscientização, fantasioso, de aventura enfim. Mas o que nos chamou mesmo a atenção no caso desse projeto desenvolvido pela UFSJ foi o fato deste material apresentar situações reais, ao mesmo tempo em que permite que sejam capazes de levar mensagens, tanto ao público mirim, quanto à instituição familiar, auxiliando-os a moldar o comportamento desses leitores para uma futura vida adulta, ajudando-os a reafirmar ou adquirir novos posicionamentos frente ao assunto.

Dando continuidade, quando nos referimos a produções de cunho humorístico geralmente nos remetemos à função que os *comics* habitualmente produzem. Iannone; Iannone (1994) salientam que, embora os *comics* sejam transmitidos basicamente por meio de imagens, em geral necessitam da complementação de textos. Nessa modalidade de linguagem própria dos quadrinhos, costumam aparecer três tipos de situações, a saber: diálogos (falas) e pensamentos dos personagens; legendas ou letreiros, geralmente expressando o discurso de um narrador ou elemento exterior; e onomatopeias ou explosões sonoras, isto é, vocábulos ou grafismo que traduzem os sons.

Partindo desse pressuposto, Ramos (2010) informa que a linguagem dos quadrinhos possui uma série de recursos para representar a sua fala entre os quais se destacam aqui a tira, os balões, a legenda e a onomatopeia. Para melhor esclarecer tais recursos utilizados pela linguagem quadrinística, buscamos expor cada uma delas com exemplos para um melhor

entendimento do público leitor e compreensão dessa linguagem que aos poucos ganhou e vem a cada dia ganhando destaque em nossa sociedade, em especial nos meios acadêmicos, nos quais, constatamos ultimamente com subsídio nessa ferramenta, é o que evidencia assim as várias possibilidades de estudos em várias áreas do conhecimento com o intuito de contribuir juntamente com os professores para uma melhor educação de nosso país:

Figura 2: Tirinha de Calvin e Haroldo



Ramos (2010, p. 31).

Inserimos a tira acima, no corpo dessa discussão para demonstrar que também poderemos nos deparar com indivíduos que talvez não tenham nenhum tipo de familiaridade com os quadrinhos. Nessa tira, podemos apontar duas possibilidades de interpretação no que se refere à linguagem. A primeira, com a leitura das falas representadas nos balões; a segunda com a leitura das imagens, possível mesmo se o leitor não dominar a escrita.

Figura 3: Balão



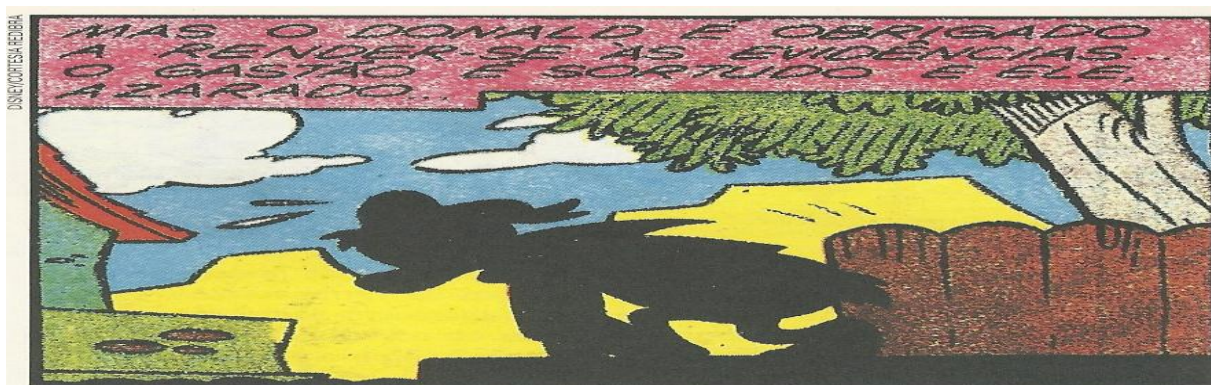
Iannone; Iannone (1994, p. 69).

Na figura 3, percebemos balão como um elemento peculiar das histórias em quadrinhos, como o local que contém texto ou imagem correspondente ao diálogo mantido pelos personagens, bem como seus pensamentos e sonhos. Segundo Iannone; Iannone (1994) na

versão tradicional, o balão possui formato arredondado e um rabicho em sua parte inferior, que aponta para o personagem que está expressando o texto contido no balão.

Os autores especificam que no quadrinho, a legenda desempenha papel equivalente ao do narrador na televisão, no rádio ou num filme, uma vez que é a voz ‘exterior’, que descreve algum fato ou informa algo importante. Ela pode ser apresentada de várias formas, mas em geral aparecem dentro de um quadrado, com texto em letra de imprensa comum, como mostra a Figura 4:

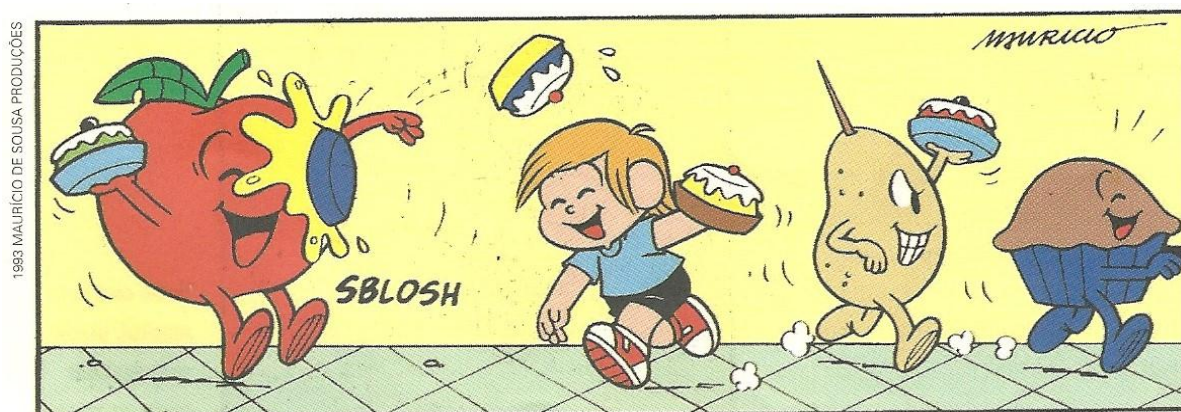
Figura 4: Legenda tradicional.



Iannone e Iannone (1994, p.74).

Por fim, os pesquisadores apresentam a onomatopeia em que o autor procura transmitir um ruído específico. Na maioria dos casos, ela surge associada a alguma figura ou situação determinada, facilitando ou induzindo sua interpretação, como mostra a Figura 5:

Figura 5: Exemplo de emprego da onomatopeia



Iannone; Iannone (1994, p.74).

Segundo os autores em questão, é comum encontrarmos duas ou mais onomatopeias para expressar o mesmo ruído ou, ao contrário, uma única para imitar vários sons. Para Vergueiro; Rama (2012), as onomatopeias são signos convencionais que representam um som por meio de caracteres alfabéticos. Elas variam de país a país, visto que diferentes culturas representam os sons de acordo com o idioma oficial local. Nesse sentido, percebe-se que as onomatopeias irão variar de autor para autor, segundo sua procedência e preferências pessoais.

Em suma, a partir das tiras aqui apresentadas e de seus aspectos constitutivos, vale sugerir que os professores fazem ou devem fazer primeiro um diagnóstico da turma, para, assim, ter ciência de como devem começar a trabalhar com os quadrinhos, caso percebam que seus alunos já possuem alguma noção dos mesmos; ou com as tiras cômicas seriadas que trabalham com desfecho cômico e inesperado e, ao mesmo tempo, com histórias produzidas em capítulos. Desse modo, devem inicialmente fazer a seleção quadrinística que melhor adapta às suas crianças, permitindo-lhes atingir seus objetivos educacionais, já que, por possuírem uma enorme variedade de temas, oferecem fonte inesgotável de material para discussões mais aprofundadas.

Ainda nesse enfoque, salientamos que os quadrinhos não podem ser o único recurso usado em sala pelo professor; deve haver também a comparação e o confronto com outras fontes, igualmente, indispensáveis. Agindo dessa maneira, a escola conseguirá ampliar a bagagem cultural dos estudantes.

Enfim, ao falar de linguagem quadrinística e dos seus importantes códigos (verbal/ não verbal), Vergueiro; Rama (2012) afirmam que os autores das HQ, ao longo dos anos, foram desenvolvendo e aplicando elementos que pudessem ser parte integrante da linguagem específica do gênero, permitindo-lhes atingir a rapidez de comunicação exigida por meio de comunicação de massa por excelência. Alguns desses elementos específicos foram criados dentro do ambiente próprio dos quadrinhos. Outros vão buscar sua inspiração em diferentes meios e formas de expressão, tomando emprestado e apropriando-se de novas linguagens, adaptando-as conforme a criatividade dos autores de HQ.

No entanto, constatamos que ainda há certa dificuldade em se definir exatamente do que se trata uma HQ, necessariamente quando comparadas às tiras, ao cartum, as charges que abordam na maioria das vezes a temática humorística, vinculando tanto imagens quanto textos verbais. A partir disso, trazemos a perspectiva de alguns autores quando se referem à questão

da denominação de história em quadrinhos. Começemos por Iannone e Iannone (1994, p.21) que afirmam:

É uma história contada em quadros (vinhetas), ou seja, por meio de imagens, com ou sem texto, embora na concepção geral o texto seja parte integrante do conjunto. Em outras palavras, é um sistema narrativo composto de dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto.

Isso é possível já que as diversas formas de arte sequencial usam uma “linguagem” baseada em experiências visuais, ou seja, a comunicação se faz por intermédio de imagens reconhecíveis o que dispensa que o emissor e receptor sejam capazes de ler e escrever no sentido tradicional.

Outro autor que também contribuiu bastante com tal definição é McCloud (2006), para quem histórias em quadrinhos se tratam de imagens pictóricas e justapostas em determinada sequência destinadas a transmitir informações ou produzir uma resposta no leitor. Ainda que, em relação à interpretação da escrita seja necessário um conhecimento individualizado por parte do leitor em relação à imagem, não há necessidade de uma educação prévia; assim, ambas se completam quando auxiliadas pela interpretação linguística dos quadrinhos.

Por sua vez Ramos (2010) especifica que quadrinhos são quadrinhos e, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, já que usa de mecanismos próprios para representar seus elementos narrativos. Essa mesma ideia de linguagem autônoma é também defendida por Cirne (1970), Eisner (1989) e outros. Convém destacar que há muitos pontos comuns entre as HQ, a literatura, o teatro e tantas outras formas de linguagens.

Barbieri (1998) *apud* Ramos (2010) defende a premissa de que várias formas de linguagens não estão separadas, mas sim, interconectadas. Assim, para ele, a linguagem seria como um grande ecossistema, cheio de pequenos nichos distintos uns dos outros (aqui chamados de ambiente), cada um com características próprias, o que garantiria autonomia em relação aos demais. O interessante da linguagem dos quadrinhos, segundo Barbieri (1998), é que os quadrinhos dialogam com recursos da ilustração, da caricatura, da pintura, da fotografia, da parte gráfica, da música e da poesia (trabalhada por ele de forma integrada), da narrativa, do teatro, e do cinema.

Ramos (2010) também ressalta que o cinema, a literatura, os quadrinhos e tantas outras formas de linguagem comporiam ambientes próprios e autônomos, mas, todos compartilhariam elementos de outras linguagens, cada um à sua maneira.

Nesse sentido, referindo-se a apropriação da linguagem, Vergueiro; Rama (2012) contribuem de maneira bastante significativa, explicitando que o gênero quadrinístico foi o que mais emprestou recursos de linguagem ao cinema, do qual as histórias em quadrinhos sempre estiveram muito próximas, tanto em termos históricos, quanto de preferência do público:

Assim, entendo que as adaptações dos clássicos para quadrinhos podem, sim, participar com grandes vantagens do infinito jogo da formação do gosto pela leitura literária na contemporaneidade, acercando-se não apenas dos jovens leitores, mas viabilizando a interação com diferentes segmentos etários e sociais do potencial leitorado brasileiro (PINA, 2012, p.98).

Ao se referir aos diversos tipos de linguagem, a corpórea, para McCloud (2008), é composta pelas expressões faciais, dos padrões da fala e é nesse aspecto da linguagem que o sujeito começa a mapear o território emocional em que cada personagem opera, destacando que a linguagem dos quadrinhos, permite ao leitor conhecer seus personagens ao longo de centenas ou mesmo de milhares de quadrinhos, por meio de fragmentos de fala, imagem e ação. A linguagem corporal vem dizer aos leitores quem são seus personagens, antes mesmo que eles falem. As expressões faciais e a linguagem corporal podem expressar os mesmos sentimentos e às vezes atuam juntas, mas essa linguagem tem uma base mais situacional, afetada por direção, terreno, fonte do perigo, oportunidade física e outros.

Desse modo, muitos elementos apresentados numa história em quadrinhos são aceitos com naturalidade quando presentes na forma de prosa literária, já que elementos que abordam roubos, sequestros entre outros, quando mostrados nas histórias em quadrinhos costumam ser criticados. Segundo o autor, o mesmo vale para o cinema em filmes como *Cidade de Deus* e outros, que costumam ser utilizados por alguns professores para discussões a respeito de questões sociais e que, quando essa temática é retratada numa HQ, a reação costuma ser outra: o material é considerado inapropriado.

Entre as HQ e a literatura, existem muitos pontos comuns, a ponto de atualmente encontrarmos várias adaptações de romances em quadrinhos. Nesse sentido podemos notar o desejo de sempre aproximar os quadrinhos à literatura e vice-versa:

Títulos como *Classics Illustrated*, reproduzidos praticamente no mundo inteiro, inclusive no Brasil, buscavam aproximar as histórias em quadrinhos das grandes obras literárias, vertendo para a linguagem das HQ os livros dos maiores autores da literatura mundial, como Charles Dickens, William

Shakespeare, Daniel Defoe, Victor Hugo, Jonathan Swift, Edgar Allan Poe etc (VERGUEIRO; RAMA, 2012, p. 18).

Segundo Zeni (2009) nessas adaptações pode haver acréscimos ou omissões em relação à obra fonte, mas o que se mantém é a trama original da obra. Assim, a adaptação possui uma ligação intencional com a obra original.

Ainda sobre a importância delas na vida do leitor, as adaptações dos clássicos permitem ao leitor novas releituras. Nessa perspectiva, concordamos com Pina (2012, p. 113), quando ressalta que:

Na obra-fonte, as imagens verbais são lidas e traduzidas pela imaginação do leitor, de acordo com seu repertório e seu horizonte de expectativas. No ato da leitura da adaptação, a criança (ou o jovem) não tem somente a linguagem verbal para provocar sua imaginação, ela também é instigada pelo não verbal. Isso implica um duplo assédio ao imaginário do leitor. Tal complexificação do lido instaurada pela linguagem quadrinística está bem longe de “facilitar” a interação texto/leitor, mas, ainda assim, pode torná-la bem mais divertida e interessante.

Portanto, as adaptações servem como um apoio, uma ferramenta, outra leitura e não a solução definitiva para ela. Com isso, por mais que as histórias em quadrinhos lidem com palavras e seja possível aplicar teorias literárias para análise de sua estrutura narrativa, elas não são literatura, mas histórias em quadrinhos, assim como o cinema, a dança, a música, enfim, também não o são.

3.1 Levando os quadrinhos para a escola

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e leitor. [...] no entanto, sua presença na escola cumpre funções várias e nem sempre confiáveis, frequentemente discutíveis, só às vezes interessantes [...](MARISA LAJOLO, 1988, p.56).

A princípio, quando iniciamos as nossas discussões acerca da escrita de nosso trabalho de Conclusão de Curso, pensamos em adentrar as histórias em quadrinhos unicamente voltadas para o campo da pesquisa bibliográfica, o que fez com que nos causasse certo

desconforto, por pensarmos que se tornaria uma atividade bastante monótona. Nesse sentido e ainda bastante inquietas em relação a essa problemática, é que a ideia foi de fato amadurecendo e tomando as proporções a que tanto almejamos, pois não queríamos somente mais um trabalho em que, após a nossa defesa, ficasse engavetado na Universidade.

O nosso diferencial tornou-se evidente por desejarmos que os nossos leitores, fossem eles acadêmicos, professores, ou outro público, entendendo que todos os leitores possuem um papel de fundamental importância nesse processo, devendo agir como sujeitos participantes de uma sociedade em construção.

Assim, na tentativa de levar a nossa pesquisa ao público jovem e adolescente, é que tomamos conhecimento do projeto de leitura, *Adote um aluno, forme um leitor* organizado LALE, numa iniciativa do Departamento de Ciências Humanas Campus VI, Caetité-Ba direcionado aos estudantes de uma das escolas mais carentes deste município.

O referido projeto funciona da seguinte forma: todos os meses, os participantes têm a missão de contribuir com um gibi ou um livro para um aluno adotado, este deverá ser acompanhado por uma carta. No mês seguinte, recebemos uma carta resposta desse aluno, em que este coloca nela todas as suas impressões de leitura bem como também poderá fazer uma breve reflexão a partir do livro recebido e a partir daí o ciclo recomeça novamente.

Uma coisa interessante é que nenhum dos participantes se conhece, o que ajuda a manter um clima de expectativa entre todos. Esperando esse feito que deverá se firmar ao final do ano letivo, em que é realizada a culminância do projeto promovendo assim as devidas apresentações.

Após conhecermos a proposta desse projeto é que realmente nos (re) encontramos e passamos a ter consciência do nosso papel como cidadãs ativas e principalmente atuantes, pois, além de conseguirmos realizar o nosso trabalho, ainda podemos contribuir para uma melhor formação desses alunos, já que na instituição, onde o projeto foi aplicado existe uma enorme carência em relação à disponibilidade de livros, o que dificulta o acesso dos alunos a um precioso universo chamado leitura. Nesse sentido, posteriormente, a partir de depoimentos escritos, discutiremos como os estudantes adotados no projeto leem os gibis e se apropriam deles, e se é possível ou não formar o gosto pela leitura a partir desse material. Além disso, traçaremos um perfil do leitor adolescente de Caetité.

Essa experiência tem sido muito gratificante e bastante proveitosa em nossas vidas, pois percebemos que existem inúmeras barreiras que ainda precisam ser superadas em ambientes como esse, que necessitam de uma atenção maior para, assim, contribuir com uma leitura de

qualidade para os jovens. Entendemos com isso que inicialmente os nossos “adotados” se mostravam ainda muito receosos em demonstrar as suas aspirações, desejos e fraquezas. Contudo, o passar do tempo fez com que nos empolgássemos cada vez mais, já que, a cada gibi enviado, constatamos que a resposta vinha de forma mais livre, mais dinâmica, mais espontânea, mais prazerosa ao passo que os nossos adotados também demonstrassem o quanto estavam ansiosos para receber novos livros.

Nessa perspectiva, temos ainda o intuito de sensibilizar essas crianças e adolescentes participantes do projeto a compreender melhor a leitura, levando-as a trilhar por um caminho em que, quando voltar o seu olhar para ele, terá condições de viajar, descobri novos horizontes.

Apoiamos a iniciativa e o interesse que esses alunos demonstraram, quando resolveram participar desse projeto que realmente nos deixaram bastante entusiasmadas, uma vez que a escrita de cartas se trata de algo muito diferente do que eles estão habituados a fazer, como simplesmente mandar um e-mail, conversar em bate papo, esta exige bem mais tempo e até mesmo mais dedicação e atenção.

Outra coisa relevante, é que por meio da análise dessas correspondências feita com base nas HQ, identificamos que também há uma enorme possibilidade de fazer os alunos ampliar e desenvolver sua maneira de escrever, isso se os professores buscarem subsídios para introduzir a escrita de maneira mais eficaz aproveitando de estímulos como esse para aprofundar seu trabalho. Então, verifica-se aí uma pequena “brecha” para tentar ampliar nos alunos o gosto pela leitura e, posteriormente, pela escrita.

Desse modo, é perceptível que o fato desses alunos receberem correspondências endereçadas a eles, faz com que lhe sejam também desenvolvidos os laços afetivos entre quem propicia o livro e o beneficiado. Outro fator, também determinante é que há um crescimento bastante admirável em se tratando do interesse e principalmente da vontade de ler desses alunos, favorecendo assim sua inclusão no mundo letrado.

Diante desse enfoque, buscamos fazer uma breve viagem ao passado, trouxemos a perspectiva de uma professora chamada Elizabeth Pennel, tida como uma das mais típicas representantes da resistência cultural aos quadrinhos, que publicou em 1920 o texto *Our tragic Comics*. Segundo ela:

O bom desenho, nas histórias em quadrinhos, é um acidente [...]. Pergunta-se com pesar para que servem as escolas de arte, as conferências, os clubes, os cursos nos museus [...] se aos olhos do povo são corrompidos e pervertidos

todas as semanas, se não todos os dias, por essas perversões grosseiras, vulgares contraditórias, de um cotidiano barato [...] (PENNEL, 1920, *apud* FEIJÓ, 1997, p.20).

Do ponto de vista dessa professora, uma vez que a arte sequencial, por sempre estar associada à ideia de comunicação com o público dito inculto, não contribuía em nada para com a sociedade burguesa da época. Essa forma de arte segundo Feijó (1997), além do decorativa, possibilitava também registrar acontecimentos, reforçar mitologias e crenças religiosas. Por isso, a Igreja sempre usou e abusou dela para divulgar episódios da vida dos homens santos ou histórias religiosas junto a fiéis de pouca educação formal. Contudo, a elite da época, representada pela professora, logo tratou de condenar especificamente os quadrinhos, inclusive negando-lhes o *status* de arte. Enfim, quase todas as formas de entretenimento costumam ser julgadas e condenadas antes mesmo de se avaliar seu potencial artístico. De qualquer forma, nem toda HQ ou todo filme pode ser considerado arte.

Atualmente, os professores já não possuem uma visão tão estereotipada quanto daquela professora, inclusive já trabalham em sala de aula com propostas mais amplas incluindo sempre que possível os quadrinhos em sua realidade.

Em suma, esperamos encontrar nessas cartas elementos que comprovem que as HQ sejam mesmo recursos eficientes capazes de incentivar a leitura, uma vez que utilizam de dois códigos em constante interação; o verbal e o visual, cada um desses, ocupando um papel fundamental dentro dos quadrinhos, reforçando-se mutuamente para promover o entendimento da mensagem e, ao mesmo tempo, contribuindo para formação de leitores mais competentes, pois elas provocam as expectativas do imaginário, além de servir como suporte de preparação para as crianças e jovens para uma leitura mais aprofundada de outras obras.

3.2 Quando o carteiro chegou...

Quando o carteiro chegou e o meu nome gritou
 Com uma carta na mão
 Ah! De surpresa, tão rude,
 Nem sei como pude chegar ao portão
 Lendo o envelope bonito,
 O seu sobrescrito eu reconheci
 A mesma caligrafia que me disse um dia
 “Estou farto de ti”

Porém não tive coragem de abrir a mensagem
 Porque, na incerteza, eu meditava
 Dizia: “será de alegria, será de tristeza?”
 Quanta verdade tristonha
 Ou mentira risonha uma carta nos traz
 E assim pensando, rasguei sua carta e queimei
 Para não sofrer mais [...]

(Composição: Aldo Cabral e Cícero Nunes; Intérprete Maria Bethânia). Disponível em:
http://www.paixaeromance.com/40decada/mensagem/h_mensagem.htm

Apresentamos parte da letra dessa canção no corpo desse trabalho, pelo fato de nosso *corpus* trazer as cartas dos alunos, colaboradores desta pesquisa, e que nessas poucas linhas foi capaz de nos sensibilizar e muito durante esses meses de trocas de experiências.

A todo o momento estávamos sempre atentas a tudo o que estava escrito nas cartas, nesse sentido objetivamos com isso analisar algumas das cartas recebidas diretamente dos alunos por nós, adotados, e outras cedidas por outros participantes do projeto AAFL, desenvolvido em uma escola pública do município de Caetité. Antes de dar início a qualquer reflexão sobre a questão, torna-se importante fazer uma breve discussão a respeito desse gênero textual, a fim de melhor compreendê-las.

Vários autores discorrem sobre o gênero textual. Marcuschi (2007) afirma que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social, fruto de trabalho coletivo, que contribuem significativamente para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia, muito mais caracterizados suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais.

Considerando que, nos últimos tempos, foram as novas tecnologias, principalmente, aquelas ligadas à área da comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais, prosseguimos nosso diálogo com Marcuschi (2007) que traz a ideia de que o *e-mail* é o pivô das mensagens eletrônicas tidas como novo gênero, mas que tem nas cartas (pessoais, comerciais etc) e nos bilhetes os seus antecessores.

Desse modo, antes de adentrar as nossas discussões acerca do tema proposto especificamente as cartas pessoais, enfatizamos que, além desse gênero textual, há vários outros, a saber: telefonema, romance, bilhete, aula expositiva e assim por diante. Assim, trazemos inicialmente a perspectiva de alguns autores que conceituam “carta”.

Sabe-se que a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que se mostrou capaz de viabilizar a interação das relações humanas, em especial, a reaproximação daqueles que se

encontravam muito longe uns dos outros, tornando assim muito comum entre todas as classes sociais do mundo. Nesse sentido Bazerman (2011, p.94) afirma:

Do seu amplo uso no mundo clássico, podemos ver como a carta, uma vez criada para medir a distância entre dois indivíduos, fornece um espaço transacional aberto, que pode ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes.

Enfim, verifica-se que as relações pessoais são transmitidas, tanto para o leitor, quanto para o escritor de maneira direta através das saudações, das assinaturas e dos conteúdos fornecidos via carta. Além do mais, cartas podem descrever e comentar frequentemente de modo explícito a relação entre os indivíduos bem como a natureza da transação corrente.

Camargo (2000) define carta como um objeto cuja materialidade se traduz nas cores, no tatear, nas formas, nas letras, e nas múltiplas combinações desses elementos; materialidade que também pode ser um conjunto de folhas avulsas ou conjuntamente dispostas quando impressas num livro; cartas são textos, porque são produções escritas; cartas são discursos e nelas se buscam significações históricas. Camargo (2000) acrescenta ainda que carta é todo papel, mesmo sem envoltório, com comunicação ou nota atual e pessoal. Considerar-se-á, também, carta, todo objeto de correspondência com endereço, cujo conteúdo só possa ser desvendado por violação. Essa noção nos remete ao fato de que são nas cartas que os sujeitos consolidam as práticas de ler e escrever.

Silva (1997, *apud* Bezerra, 2003) analisando cartas em geral, reconhece a existência de variados tipos de comunicação (pedido, agradecimento, informação, cobrança, intimação, notícias familiares, prestação de contas, propagandas e outros), o que faz afirmar que, embora sendo cartas, nem todas são da mesma natureza, pois circulam em campos de atividades diversas, com funções comunicativas variadas, dependendo dos seus objetivos nos negócios, nas relações pessoais, no trabalho, entre outros. Desse modo, a autora destaca vários tipos de cartas, tais como a carta pessoal, a carta resposta, carta pedido, carta programa, carta do leitor, carta ao leitor e tantas outras. Bazerman (2011) também define outros tipos de cartas, a exemplo de cartas ficcionais, cartas aos deuses, cartas aos mortos e cartas-orações.

Após conhecermos os mais variados tipos de cartas existentes, em nossa análise, os tipos mais apropriados são: carta pessoal, carta pedido, bem como a carta resposta, por se tratar de correspondências enviadas cujas respostas nos causavam boas expectativas. Nesse sentido Kaufman e Rodriguez (1995) afirmam que as cartas pessoais podem conter diferentes contextos e girar em torno de diferentes funções da linguagem. Ambas consideram esse

gênero textual como uma espécie de diálogo à distância que deixa transparecer marcas da oralidade, como por exemplo, frases inconclusas visto que reticências presentes podem levar a várias interpretações pelo receptor, perguntas que encerram em si suas próprias respostas, pontos de exclamação, indicando ênfase, alegria, dúvidas, preocupações dentre outros sentimentos.

Já Bazerman (2011) ainda adverte que a carta, por estabelecer uma comunicação direta entre dois indivíduos dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas (tudo que podia ser comentado diretamente), parece ser um meio flexível no qual, muitas das funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver, tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que a forma de comunicação caminhe em novas direções.

Segundo Bazerman (2011), à medida que mais temas e transações são reconhecíveis e inseridos nas cartas, o gênero, em si, se expande e especializa; foi assim que tipos distintos de cartas tornaram-se distintas e passaram a ser tratadas variavelmente. Nessa perspectiva o autor reforça:

A riqueza e a multiplicidade das práticas antigas de escrever cartas conferiram a esse gênero uma poderosa força comunicativa dentro da antiga Igreja cristã. [...] as primeiras cartas da Igreja constituíam um veículo importante para manter a sua comunhão em lugares distantes. (BAZERMAN, 2011, p. 94-95)

Ainda Bazerman (2011) afirma que essa arte de escrever cartas enfatizou a saudação, identificando e conferindo respeito aos papéis sociais e às posições de emissor quanto de receptor, colocando ambos dentro de relações sociais institucionalizadas, concordamos totalmente com este parecer. Além do mais, os escritores de cartas foram aconselhados a construir um laço de boa vontade com o receptor, invocando sentimentos e obrigação e narrando explicitamente a situação que apresentava a necessidade da carta e a esperada cooperação do receptor.

Assim de acordo com Camargo (2000) as cartas que alguém escreve para outrem, uma após outra, lidas, relidas, respondidas, vão saindo da impessoalidade, da 'institucionalidade' da circulação, pelos correios, ganhando novamente significações singulares. São objetos esperados, aguardados com impaciência, chegando a mudar um dia de tédio, são mais que folhas de papel escritas com envoltório e, uma a uma, vão sendo guardadas numa lata ou numa caixa de papelão, vão se acumulando. Desse conjunto acumulado, dessa série que se

forma ao sabor dos dias, apropria-se a pesquisadora, transformando-o num objeto de estudo, nem sempre fácil de abordar, pela sua natureza de escrita íntima, privada.

A doutora ainda ressalta que a carta demanda um distanciamento entre os interlocutores, que é espacial e temporal e demanda um distanciamento entre o autor e os acontecimentos a que a carta remete. Como escrita, sempre é um ‘sucesso’, um acontecimento que remete a outros acontecimentos sobre os quais reflete. Na carta realizam-se projetos de dizer. Cartas podem ser pensadas como gênero primário ao se constituírem em matéria-prima para um romance, por exemplo.

Bazerman (2011) mas uma vez, nos mostra que as cartas, quando comparadas a outros gêneros, podem parecer simples por estarem diretamente ligadas às relações sociais e a escritores e leitores particulares, mas isso só significa que elas nos revelam clara e explicitamente a socialidade que faz parte de toda escrita. Isso, entretanto, pode ser em virtude da própria razão, pois elas têm sido tão instrumentais na formação de gêneros mais especializados e menos autointerpretativos.

As cartas enviadas realmente têm feito com que nossos “adotados” encontrem “os endereços de muitos lugares obscuros e notáveis para encontros letrados”, conforme nos propõe Bazerman (2011). Constatamos esse feito a partir da leitura realizada desde a primeira até a última carta por nós, recebidas; percebemos também que houve significativas transformações, uma vez que considerando que trabalhar com esse gênero (cartas) que os alunos já conhecem é algo que a nosso ver se tornou mais fácil, pois eles já dominam o tema abordado. Essa mudança fica compreensível, quando notamos a maneira com que certas correspondências eram escritas na antiguidade e a maneira de como é feita atualmente. O que observamos foi que, muitos dos alunos que frequentavam a escola anteriormente, possuíam muitas dificuldades, quando o assunto era leitura e escrita, conforme afirma Geraldi (2006, p. 69) a respeito de correspondência: “[...] Lembro perfeitamente que meus pais reclamavam que eu não sabia escrever uma carta para algum familiar distante, e, no entanto, estava no colégio”. Continuando este percurso constatamos que no caso dos alunos que participam do projeto, e justamente por cursarem 5^a, 6^a e 7^a séries, já se mostram aptos na escrita desse tipo de correspondência, o que não acontecia antigamente como mostra à citação anterior de Geraldi.

Nesse sentido, Camargo (2000) afirma que as cartas também são construídas através do jogo das interações sociais. Assim, os sujeitos que escrevem e leem cartas, deixam suas marcas, marcas indicativas que constituem uma leitura da escrita do sujeito, na escrita. Pelas

suas condições de produção, as cartas não são uma escrita fabricada, na medida em que se inserem na realidade cotidiana de quem as escreve, e no cotidiano de quem as lê também não fabricada é a maneira como, ao responder, ao escrever, ao dirigir-se aos seus interlocutores podendo ser um, ou vários vão se delineando as ideias e os procedimentos, as múltiplas significações (da escrita ou do ato de escrever, por exemplo) e as representações do mundo social, por quem as escreve.

Geralmente as cartas de antigamente iniciam-se com esta célebre frase: venho por essas mal traçadas linhas [...] a fim de levar as seus entes queridos notícias de quem muitas vezes se encontrava muito distante e ansiava por novidades. Diante disso, verifica-se que elas ainda continuam sendo muito utilizadas, embora não com a mesma frequência, mas ainda se trata de um instrumento capaz de estabelecer um contato direto com alguém.

Foucault (1992) especifica que a carta faz o escritor “presente” para aquele a quem se dirige, não apenas pelas informações que lhe dá acerca de sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas aventuras ou infortúnios, numa espécie de presença imediata quase física.

Em se tratando de nossa pesquisa, buscamos estabelecer esse contato com alguns alunos participantes do Projeto, já referido aqui anteriormente. E, ainda segundo Foucault (1992) deve-se entender que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe ele sente-se olhado) é uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face - a - face.

Sabemos também que a escrita de determinados tipos de texto, contribuem de maneira bastante significativa com a escrita desses alunos influenciando-os a possuírem uma interação verbal adequada, levando-os a ter certo policiamento, justamente pelo fato de se saber a quem está se mandando a mensagem, tentaremos constatar esse fato através das análises.

Evidenciando mais uma vez que a nossa pesquisa tem como enfoque analisar os dados obtidos através de cartas enviadas aos nossos adotados, no que se refere, a saber, se estes gostam ou não de se deliciar com ótimas histórias em quadrinhos, tendo como intuito verificar se o objetivo dado através dessa leitura foi alcançado e aproveitando ainda a oportunidade intensificar nos alunos conhecimentos prévios. Sendo assim, escolhemos 12 (doze) delas com o intuito de identificar trechos que apontam este contentamento ou “descontentamento” em relação ao interesse em se ler histórias em quadrinhos.

Para Mendonça (2007), as HQ podem conferir desejos, necessidades e materiais de leitura para um público leitor, desde que não sejam empregadas como desculpa para

atividades gramaticais, mas como elementos semióticos complexos, capazes de desenvolver o gosto pela leitura, e eventualmente propiciar momentos de produção textual para o aluno.

Durante as nossas análises também constatamos que outro gênero foi empregado por um desses alunos o “bilhete”, que se trata de uma mensagem curta, escrita em linguagem simples e coloquial. E ainda, torna-se importante ressaltar que os resultados obtidos limitam-se apenas aos dados referentes aos participantes do projeto em que foi analisado.

Por conseguinte, concentramos nosso esforço a partir de nosso conhecimento para esclarecimento dos componentes constituintes necessários à escrita de uma carta.

a) Cabeçalho – situa o leitor ao lugar e o tempo em que foram produzidos (data), os dados bem como especifica o destinatário e ainda a forma de tratamento utilizado para se comunicar com o mesmo.

b) Corpo – parte do texto em que se desenvolve a mensagem escrita.

c) Despedida – local onde são feitas a saudação e onde se faz a assinatura do autor ou emissor da carta.

Após todas essas reflexões, a análise dos dados se faz necessária. Nesse sentido, considerando o documento (Anexo 12) percebemos que, por ser bastante informal, podemos identificar este texto sendo um bilhete, embora inicie com uma saudação e finalize com a assinatura do emissor. A ausência de data e do local não prejudica em nada a compreensão do texto, pois é possível ver que os participantes do diálogo conhecem muito bem do que se trata/ o assunto abordado. As respostas dadas aos possíveis questionamentos são bastante sucintas, (... “adorei os livros que você mandou adoro histórias em quadrinhos...”), ao tempo em que o receptor da mensagem também faz alguns pedidos, (... “você também pode mandar mais livros de contos de fada, adoro histórias românticas...”), deixando claro o seu gosto também por outros gêneros textuais (romances, contos de fada) além das histórias em quadrinhos. Isso nos deixa bastante satisfeitas por saber que, além dos quadrinhos, esse aluno leitor também tem preferências por outros gêneros textuais que, contribuíram enormemente para a sua formação leitora. Partindo dessas observações feitas pelo leitor, ou melhor, quando este solicita que também lhe sejam enviados outros gêneros, o que não se pode imaginar que tipo de leitor poderá se formar (crítico ou passivo). Assim, a familiaridade com a leitura das HQ e outros gêneros possibilita que muitos estudantes se abram para os benefícios da leitura, encontrando menor dificuldade em diversos tipos de leituras a que venha realizar.

No Anexo 13, logo conseguimos localizar o local e a data da produção e também uma saudação inicial e a despedida. O receptor, por sua vez, trata as histórias em quadrinhos como

“livro” conforme especificação (... “adorei o livro dos irmãos metralha...”), a seguir e finalizando esta missiva indica o porquê de gostar das histórias em quadrinhos (... “pelas ilustrações posso imaginar como seria a história no mundo real...”). Esse aluno consegue identificar, ou seja, fazer sua “leitura de mundo” a partir das ilustrações da linguagem dos quadrinhos. Ficou claro para nós que esse aluno consegue discutir as HQ relacionando-as ao seu cotidiano. Por isso, pode-se considerar esse recurso (histórias em quadrinhos) como uma ferramenta indispensável para a formação do leitor, uma vez que mesmo aqueles que “não sabem ler”, tampouco escrever, consegue analisar a imagem associando a sua leitura de mundo, sendo capaz de fazer uma interpretação bem como realizar uma leitura a partir do seu imaginário.

Quando o aluno do referido documento afirma que “pelas ilustrações posso imaginar como seria a história no mundo real...”, nota-se a facilidade de se trabalhar a linguagem dos quadrinhos, por fazer parte do cotidiano desses sujeitos leitores. Nesse sentido é que Moya (2013, p.30) assevera: Comecei a ler histórias em quadrinhos antes mesmo de apreender a ler português.

No Anexo 14, fica explícito o local e a data da produção e logo de início o receptor se mostra muito contente em fazer essa nova amizade, pois segundo ela, isso é mais um motivo para incentivá-la a ler (... “esta me incentivando a ler...”) ao tempo em que também demonstra em sua fala que a leitura, (... “é um dos meus maiores prazeres...”). Constatamos ainda que esta participante tem dificuldade na escrita principalmente no plural, pontuação e concordância entre alguns termos, mas a escrita dessas cartas ajudou-a bastante, visto que estava praticando o tempo todo. Percebe-se ainda que foi feita uma leitura bastante superficial do livro *Hans Staden*, pois não citou nenhum aspecto que tenha descoberto durante a leitura, apenas generalizou sem deixar claro sua interpretação acerca do conteúdo da HQ (...“descobri muitas coisas na época da colonização do Brasil”), embora a fez remeter algo já visto por ela durante seus estudo quando remete a época da colonização. Ao final de sua carta deixa evidente a sua preferência por outros tipos de livros (...“prefiro livros com mais conteúdos, gosto de livros de romances...), justamente pelo fato de não gostar de livros ilustrados, isso se torna relevante para a leitura, já que possui contato com outras linguagens, outros gêneros que muito contribui também para formar o gosto pela leitura. Baseando-nos nas ideias de Cruz (2012), a partir do documento analisado, é notável que o que está faltando para esses indivíduos é alguém que realmente faça o papel de mediador e instigador da leitura. Aquele

sujeito capaz de fazer com que o leitor inclua questões identitárias em seu convívio diário bem como realize interpretações artísticas e culturais.

No Anexo 15, não é possível se fazer a identificação do local em que foi escrito o referido texto. O receptor se mostra agradecido em ter essa oportunidade de ser presenteado com uma história em quadrinhos, ao tempo em que ressalta que não se interessa pelas HQ, mas que achou fascinante como fica claro neste trecho: “apesar que eu não goste de ler histórias em quadrinhos...”. Apesar de não gostar de HQ, ficamos satisfeitas com um de seus depoimentos em que diz algo importante sobre a leitura, segundo a aluna “em cada leitura é uma viagem nova, um mundo novo e mais aprendizado.” Desse modo, sabe valorizar e entender os benefícios dessa “arma” em nossa vida, que apesar de tantas tecnologias existentes é indispensável na vida do ser humano, haja vista que não existe ciência sem o conhecimento da leitura, cada técnica, cada avanço que surge necessita desta, já que sem ela não chegamos a lugar algum. Outro fato que nos deixou muito esperançosas foi o depoimento dessa participante ao se referir ao projeto “incentivou a leitura da galera...”, já que esse é um dos nossos objetivos.

No que tange aos documentos, Anexos 16 e 17, do mesmo participante, logo de início, notamos que a estrutura da carta difere dos outros quatro descritos anteriormente, pois os componentes da carta são especificados de maneira coerente.

Foi preocupante ao nos deparamos com o documento 16 cuja carta traz um breve resumo da história recebida, não revelando nenhuma lição/interpretação tirada da mesma. Para tanto, ao deparamos com o documento 17, sentimos que nosso objetivo começou a surtir efeito nesse sujeito. Percebemos uma mudança bastante significativa, uma vez que o participante começou a demonstrar um melhor entendimento acerca dos assuntos tratados no gibi, apontando com isso a contribuição, ou seja, o que a HQ em questão queria chamar atenção dele enquanto leitor (... “as pessoas que moram na zona rural tem tudo em seu quintal, as pessoas que moram na cidade compra tudo em supermercado...”) valorizando e destacando as vantagens do ser “homem” do campo que muitas vezes são desvalorizadas.

Na mesma carta, a participante vai além do esperado em relação ao primeiro escrito dela, quando ressaltou que “para se ter o que se deseja não é preciso nenhuma batalha ou guerra, simplesmente um bom diálogo”, isso basta, pois como a própria deixa a perceber o diálogo ainda é a resolução de muitos conflitos. Ao se deparar com a mesma história em que o tema recorrente era preconceito linguístico, a participante demonstra experiência de outras leituras com o gênero, apontando outra HQ em que a personagem principal fala da mesma

maneira que a personalidade apresentada na história (Lelo), como pode ser observado nesse trecho (... “também tem outro personagem das histórias em quadrinhos que fala errado, é o Cebolinha da Turma da Mônica...”). Em relação ao que foi dito, vale uma ressalva: como a garota ainda não tinha noção do que se tratava esse assunto “variedade linguística”, cabe a nós enquanto pesquisadoras, fazer um alerta em relação à palavra – ERRADO – (“errado”) mencionada por ela em sua carta resposta, já que de acordo com nossos conhecimentos adquiridos na academia, ao longo dos anos, não existe falar errado, o que existe são falares diferentes por conta das culturas regionais de cada indivíduo - os chamados regionalismos. Enquanto ao seu posicionamento acerca do seu gosto pelas múltiplas linguagens, ficou evidente que prefere as HQ, (... “além de contar as histórias mostra várias imagens sobre a história que fica melhor para compreender”).

Na carta Anexo 18, observamos que não é possível se fazer a identificação do local em que foi escrito o documento. Outra coisa que nos chamou bastante atenção, foi o fato de que o autor da referida carta, simplesmente faz a relação nominal dos títulos que compõem o “livro” de *Zé Carioca* enfocando a não possibilidade da reescrita na íntegra da HQ, conforme fica explícito neste trecho (...“como não dá para mim reescrever as histórias eu vou só colocar só os títulos do almanaque de Zé Carioca). A partir da reprodução dos tópicos, fica evidente que o participante não entendeu a proposta do projeto, ou talvez tenha efetuado apenas a leitura de maneira superficial do “almanaque”, e mais uma vez pode ser observado aqui (“ Eu gostei muito das histórias mim descoupe porque eu não contei a história para você. Foi porque não dava.”). Em suma, e de maneira ilusória afirma que gostou das histórias, não especificando por sua vez se gosta do gênero quadrinhos, deixando também bastante visível a falta da prática de leitura bem como a ausência de um mediador que realmente mostre os caminhos necessários para uma boa interpretação, com um olhar crucial se colocando como um leitor crítico-reflexivo.

Ainda analisando, tanto o documento 16, quanto o 18, voltando para a perspectiva de Bourdieu e Passeron (2011), fica explícito que esses sujeitos apenas reproduziram o que leram de maneira mecânica. No que se refere a este processo de reprodução, os autores alegam que “o sistema de ensino contribui de maneira insubstituível para perpetuar a estrutura das relações de classe e ao mesmo tempo para legitimar” (p. 25).

Nesse sentido, a ideia de trabalhar em sala de aula os novos gêneros textuais, especificamente os quadrinhos, tem muito a subsidiar o trabalho dos professores ao se fazer com que seus alunos se tornem leitores eficientes e, ao mesmo tempo, escritores de bons

textos, pois a leitura permite essa união. Porém, o desafio maior é que muitos professores ainda resistem a se fazer o uso desses novos recursos, dessas novas mídias, causando assim um duelo entre se.

Além da realidade escolar, isso ficou visível em trechos da carta (Anexo 19) em que o participante em questão destaca: “Os meus professores não tem muito costume de trabalhar histórias em quadrinhos mais minha estagiária já trabalhou foi muito legal e divertido. Eu acho que os quadrinhos ensina muitas coisas pro jovens e pro adolescente para conhecer mais como que é ser adolescente e jovem”.

Para melhor refletirmos essa menção, buscamos respaldo teórico em Aguiar (1993) quando ela diz que conferindo à escola a função de formar o leitor, destruiu-se a noção de texto como representação simbólica de todas as produções humanas, restando o livro como mediação para qualquer conhecimento, passou-se a destacar, assim, o livro por ser uma produção da classe dominante, a qual aspira às classes dominadas.

Deve-se ao professor valorizar a cultura leitora no geral e não aquele velho conceito de cultura deformado que segundo a autora expressa apenas o valor de uma camada social. A cultura tem que abranger todas as transformações que o homem opera na natureza, o que obriga a reconhecer que qualquer grupo humano possui objetos culturais que possa ser lido de forma válida. Não há cultura melhor nem pior: há culturas diferentes.

Para Aguiar (1993) essa concepção de cultura, em sua amplitude, não supõe que se deva desprezar o texto escrito, em favor dos demais objetos culturais, como o folclore, o cinema ou os quadrinhos e vice e versa. Se todas essas manifestações permitem leituras significativas, o fato é que as classes dominantes dão ênfase ao livro como veículo do saber que lhes convém.

Ainda no referido documento, observamos dois aspectos: primeiro que o aluno (a) fez ótimas reflexões acerca da história encaminhada, uma vez que deixa evidente em seu parecer que gostou do livro, porque além de ser “muito interessante, são mais faço de ler, venhe com imagens ilustradas, mostra como eles se comportam na sala de aula”. Diante desse relato, percebe-se que este sujeito, enquanto leitor, já sabe definir, ou seja, fazer suas próprias inferências, tirar as lições que certas histórias, e certas leituras nos beneficiam sem a necessidade de reproduzir o que a HQ trouxe em seu contexto. Já o segundo aspecto, enquanto pesquisadoras e futuras professoras nos deixa pensativas em saber que infelizmente parece haver uma resistência ou descaso não sabemos, ao certo, em relação a professora regente em lidar com a HQ, já que como afirmou o aluno (a) na carta, que pouca atenção tem sido dada a este gênero. Isso nos faz pensar como anda a educação de nosso país, em especial

a de algumas escolas municipais de nossa cidade, que apesar dos recursos que são oferecidos, parece não possuir políticas voltadas para se formar professores mediadores das múltiplas linguagens, tampouco cultivar cidadãos leitores. Nessa perspectiva sabe-se que:

[...] na utilização dos quadrinhos no ensino, é muito importante que o professor tenha suficiente familiaridade com o meio, conhecendo os principais elementos de sua linguagem e os recursos que ela dispõe para representação do imaginário; domine razoavelmente o processo de evolução histórica dos quadrinhos, seus principais representantes e características como meio de comunicação de massa; esteja a par das especificidades do processo de produção e distribuição de quadrinhos, e enfim, conheça os diversos produtos em que eles estão disponíveis (VERGUEIRO; RAMA, 2012, p. 29).

Queremos ressaltar que os documentos Anexos 20 e 21, pertencem ao mesmo participante, nesse caso ficamos eufóricas ao receber a décima, ou seja, a carta 21, porque tomamos conhecimento de que o participante teve muita resistência em escrever, ou seja, responder à nossa primeira carta destinada a ele.

Na carta resposta 20, ficou notável seu encantamento por histórias em quadrinhos conforme afirma: “Eu gosto de histórias em quadrinhos porque tem muitas imagens e não é tão grande e são muito interessante”. Pelas poucas palavras do participante, percebe-se que as obras ditas volumosas para o mesmo tiram o prazer da leitura, ainda mais quando não tem nenhuma imagem para descontraír a mente e instigar o imaginário do sujeito leitor.

Outro aspecto que nos chamou bastante atenção em relação ao conteúdo da segunda carta escrita pelo mesmo participante, foi o fato de que a primeira tinha aproximadamente nove linhas escritas, sendo três relacionadas ao gibi por ele recebido, e no fim do gênero identificado como bilhete o participante confessa: (“...eu não sou muito de escrever redação por isso eu escrevi pouca coisa”). Nesse sentido, a segunda carta do menino, nos deixou muito satisfeitas, uma vez que a transformação ficou evidente e ao mesmo tempo nos emocionou ao relatar: “... não tinha nenhum livro antes desses, apenas uns que lia de vez em quando na sala de leitura da minha escola”. O projeto *Sala de leitura* que o aluno refere, trata-se de mais um projeto desenvolvido, pelo PIBID – UNEB, tendo também como organizadores alguns alunos do AAFL, aonde foram disponibilizadas na mesma escola uma sala para exposição dos livros doados, haja vista que anteriormente só possuíam na referida sala o LD. E como, o intuito do projeto era/é que os alunos pudessem entrar nesse local, a fim de ler os livros que quisessem (já que com as doações possui um número considerável), ou então vai uma turma inteira (geralmente tem uma escala de monitores do PIBID que abre a sala). Esse monitor ainda pode

ler ou contar histórias, fazer dinâmicas voltadas ao incentivo da leitura. Às vezes os alunos pedem para que o monitor conte ou leia histórias e, por vezes eles querem ficar livre para ler o que quiser.

A partir da afirmação do aluno, infelizmente, sabe-se que esta é uma prática muito comum em relação aos alunos de escola pública, ainda mais quando se trata de bairros periféricos. O que nos acalma enquanto espírito docente é que diante das oportunidades que aparecem esses sujeitos abraçam de corpo e alma a oportunidade recebida e assim a leitura começa a surgir de forma espontânea e prazerosa.

A esse adolescente, num segundo momento, enviamos um gibi do *Homem Aranha* bem como o livro *O código da inteligência* para tentar saber quais dos dois gêneros despertavam mais o gosto pela leitura, desse modo o gibi ganhou destaque visto que o garoto explicita:

Eu ainda não terminei de ler o livro “O código da inteligência” mas o tanto que eu li eu gostei muito e o “Homem Aranha” eu já terminei de ler e também gostei muito. [...] gostei mais do gibi do “Homem Aranha” porque eu gosto mais de livros com figuras para ter uma melhor imaginação de como a história aconteceu” (Anexo 20).

A partir da colocação do participante bem como a análise das cartas por ele escritas, notamos que esse projeto realmente fez efeito e ao mesmo tempo abriu caminhos para novas leituras, já que despertou nele o gosto pela leitura que até então não tinha devido à falta de recursos e também de um bom mediador.

No que refere à correspondência (Anexo 21), esta começa e termina de forma muito inusitada, o que, de certa forma, nos fez refletir principalmente acerca do primeiro questionamento que a aluna nos submeteu. Pois bem, esse questionamento a que nos referimos, se trata de uma “curiosidade” da aluna em saber se conhecíamos a sua unidade escolar, ou melhor, se havíamos visitado a mesma este ano (2013) e qual o mês. A seguir expõe a sua opinião sobre a “moral” da história por ela lida. Constatamos que a garota aprendeu a dar significado, ou seja, seu parecer a respeito do que foi lido, pois notamos que não está mais reproduzindo o que leu e sim dando a sua própria contribuição sobre a história *Gasparzinho em: o fim do Gasparzinho*. E, findando a sua missiva a garota ainda faz uma pergunta, meio que em nível de confirmação; se “nós alunos da UNEB” vamos mesmo conhecer os alunos que participaram do projeto na data já estipulada para a culminância.

Por fim, a última carta (Anexo 22) que pertence a mesma participante da carta 21 nota-se uma diferença muito explícita, visto que neste documento (21) a garota parecia mais

dinâmica para as reflexões acerca do conteúdo especificado na carta por nos enviada. Já no escrito (21) apenas afirmou está gostando muito do projeto em questão bem como dos livros e cartas que destinamos a ela.

Como a segunda carta que ela respondeu, refere-se a dois objetos distintos, que foi o gibi *Chico Bento* e a obra *Helena* de Machado de Assis, deu a perceber que este último não foi feita a leitura, já que a garota explicita no livro *Helena* “eu não tenho muita coisa pra dizer, mas eu também gostei muito, achei muito bom mesmo”. Percebemos isso por ser uma obra que exige bem mais “dedicação” (pelo fato de ser mais densa) do leitor do que o gibi e no final ela simplesmente diz que não tem nada a dizer, apenas que gostou sem fazer nenhuma interferência, menção acerca do assunto tratado na obra.

É importante salientar que, na maioria das cartas analisadas, constatamos que vários participantes aprenderam a escrever da mesma forma que falam. E ainda, em alguns casos as falas dos participantes tornaram-se repetitivas. Lembrando também que para comprovar o que estava sendo dito, escrevemos parte do material. Enfim, e segundo Cruz (2012) é importante lembrar que as leituras que os alunos gostam podem e devem servir como ponto de partida para a reflexão, análise e comparação com outros textos, pois como foi possível constatar nas cartas que a leitura não acontece de forma isolada na sala de aula, uma vez que estava sendo articulada às práticas de produção e análise de textos dos referidos projetos.

Yunes (2002) diz que resgatar capacidade de leitura dos indivíduos significa restituir-lhes a capacidade de pensar e de se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela constituição do sujeito, isto é, fortalecendo o espírito crítico.

Em suma, a questão da leitura na contemporaneidade, ainda segundo autora, se coloca em confluência das interpretações; na urgência de transformar meros receptores em leitores sensíveis às menores vibrações lógicas, de modo que textos e discursos deflagrem nele a mobilização dos sujeitos históricos, ou seja, no espaço da comunicação expressiva, da interação entre homem e leitor.

4 - OS QUADRINHOS FORMAM LEITORES?

Durante o processo de educação escolar a criança parte de suas próprias generalizações e significados; na verdade ela não sai dos seus conceitos, mas sim, entra num caminho acompanhada deles entra no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas, novas para ela, de transição de uma generalização para outras generalizações (VYGOTSKY, 1984, p.147).

Ao se discutir formação de leitores, sentimos a necessidade de se fazer uma retrospectiva em relação à leitura, segundo a perspectiva de autores como Aguiar (1993), Chartier (1980) entre outros para que posteriormente pudéssemos traçar o perfil dos leitores de Histórias em Quadrinhos em especial os da escola pública analisada, local onde focamos nossa pesquisa.

Para entendermos tal perfil, faremos uma pequena abordagem sobre o processo por qual passou a prática de leitura tradicional, bem como seu percurso até chegar à prática de leitura contemporânea, uma vez que a escrita acaba por reforçar os significados, pela fixação das interpretações.

É sabido que a leitura e a escrita, há algum tempo atrás, mas especificamente na Idade Média, eram restritas a poucos, e isso subtende-se que somente uma pequena minoria era alfabetizada. Com isso é que as igrejas, os mosteiros e as abadias converteram-se nos únicos centros da cultura letrada da época. Nesse sentido Aguiar (2004, p.93) especifica:

[...] poucos eram os leitores – sacerdotes e nobres em sua grande maioria -, daí a necessidade das leituras públicas. Eram nessas ocasiões que conteúdo dos textos era divulgado, levando a cultura letrada a um maior número de pessoas. Todavia o povo não tinha acesso à leitura, e essas reuniões assemelhavam-se à experiência oral de contar histórias dos povos primitivos.

Nessa perspectiva Chartier e Hébrard (1980), ao falarem sobre a preleção católica, fazem afirmações que eram bastante comuns na época “[...] a leitura é sempre uma prática perigosa e, ao ler sem tomar certas precauções, os cristãos põem em perigo sua salvação” [...]. Nesse sentido, nota-se que a leitura tinha apenas um caráter religioso, não possuindo nenhuma obrigação de ensinar a ler aqueles quem não fossem seguir a vocação religiosa. Considerando que a instituição católica passou a monopolizar e a reprimir as obras que seriam transcritas.

E por um longo tempo, a escrita tornou-se um marco sagrado, desse modo os sujeitos leigos tinham que respeitar os ensinamentos sagrados sem direitos a questioná-los, como pode ser facilmente identificado por Chartier e Hébrard (1980, p. 20):

[...] não cabe, portanto, ao leitor ordinário discriminar entre os bons e os maus livros: assim como o espectador ingênuo se encanta ou se espanta com os monstros que vê no teatro, sem procurar conhecer o artifício que lhes dá vida, assim também o leitor se abandona ao livro que excita sua imaginação ou toca seus sentimentos [...].

Para melhor exemplificar o processo pelas quais passaram as práticas de leituras tradicionais, os mesmos revelam que o controle documental da escrita era não só um direito da igreja, mas seu dever; e que em matéria de leitura, dois discursos devem ser sustentados conjuntamente: o primeiro, para o uso do clero e dos grupos sociais que compartilham seu saber e seus valores, tendo como objetivo avaliar a escrita pela eficácia dos seus efeitos, de construir incessantemente o leitor ideal de uma retórica apologética; o outro, para uso dos leigos e, entre eles, dos menos instruídos; é preciso lembrar-lhes incansavelmente os perigos das más leituras.

Como já dito, a prática de leitura tradicional foi muito recriminada pela sociedade burguesa, ou seja, pela elite detentora do maior poder econômico, que durante muito tempo foi considerada como um “veneno” a sua sociedade. Nesse sentido, e apoiadas nas ideias de Abreu (1999) que trabalha muito bem a questão da leitura, foi que buscamos revelar outra realidade dessas práticas que não é essa restrita a poucos e permeada de pré-conceito.

Essa reviravolta em relação à leitura se deu no final do século XX, conforme especifica Abreu (1999): a estranheza que nos causa à ideia de que a leitura seja um “veneno” devastador é proporcional à empatia que sentimos diante da afirmação de que a leitura é fator determinante para o sucesso das pessoas, sendo capaz de minimizar os efeitos da pobreza, da cor, do gênero. E foi nesse final de século que se imaginou que a leitura fosse capaz de proporcionar aos leitores os mais variados benefícios, ao contrário dos ideais preconizados pelos burgueses, a saber, tornar os sujeitos mais cultos e por consequência disso, mais críticos, mais cidadãos, mais verdadeiros.

Já Yunes (2002), apresenta que no ocidente moderno, onde o processo de alfabetização se tornou determinante para o desenvolvimento, a escrita erigiu como um divisor de águas da cidadania e naturalizou-se a concepção de que a leitura dela decorra. Tendo-se desse modo

uma predileção para o fato de que o que precede a escrita na linha do tempo e na memória dos homens é a oralidade. Nesse sentido, a autora afirma:

Consequentemente, a escrita se fortalece na medida em que, pela leitura, pode de novo re-presentar o vivido e, portanto submeter o dito a uma análise. Nesta linearidade aparente, se confirma a hipótese corrente de que a leitura é o sucedâneo da escrita (YUNES, 2002, p.53).

Ainda segundo a autora, a participação do leitor ao longo da história foi registrada pela física dos olhares sem qualquer conexão com o exercício da interpretação. Sendo assim, Aguiar e Bordini (1993) nos mostra que, quando se tem ou não leitura a sociedade, se torna desigual. Nesse sentido, segundo as autoras uma sociedade de classes em que interesses divergentes se entrecrocaram, com a predominância de alguns deles sobre os demais, privilegia sobremaneira o texto escrito como objeto de leitura. A escrita, historicamente, representa uma conquista sobre a memória, instrumento predominante nas sociedades ágrafas. A acumulação do conhecimento através da palavra escrita tem sido apropriada pelas classes que detêm o poder dentro de uma sociedade.

De acordo com Aguiar (2004) as práticas de leitura passaram por enormes transformações até chegar na era digital que conhecemos hoje. Antes as leituras se faziam, na grande maioria das vezes de forma oral, e com o passar do tempo à escrita que é via da leitura é uma invenção bem mais antiga, pois surgiu na Suméria, região da Mesopotâmia, há cerca de três mil anos, em plaquetas de barro com inscrições sobre a vida cotidiana daquele povo.

Ainda segundo Aguiar (2004), com o decorrer do tempo, os primeiros símbolos foram se modificando e tomando formas diferentes nos lugares em que eram adotados, até aparecer o alfabeto que usamos hoje. Antes dos livros, pequenas pranchas de terracotas serviam para a escrita, até que o homem descobriu que seria muito mais prático escrever em cortiça, no tecido ou na fibra vegetal. E assim surgiu o livro, com um *volumen*, rolo de folhas de papiro coladas umas às outras que eram entregues aos copistas para que redigissem os manuscritos. Para lê-los, era necessário ir desenrolando o material, de modo bem incômodo, se pensarmos nos livros de hoje.

Assim foram ocorrendo às transformações que permitiam as práticas de leituras, e conforme Aguiar (2004) o papiro foi substituído pelo pergaminho, bem mais barato e resistente, os editores de então começaram a cortar as folhas e costurá-las em cadernos, criando o *códex*, em páginas como o livro moderno. No entanto, as cópias manuais desses livros eram caras e trabalhosas e, com o crescimento das camadas médias da sociedade, no

século XIV, tornou-se incapaz de atender à procura dos novos leitores. A invenção do livro ultrapassou todas as expectativas, porque, como objeto industrial, ele passou a ser produzido em escala crescente, transformando-se em objeto ao alcance das massas, embora uma grande parte ainda fosse alfabetizada. Entretanto, no que diz respeito às possibilidades de manuseio dos suportes e aos modos de ler, temos que admitir que vivemos atualmente em uma nova era, o que não aconteceu na época de Gutenberg, devido aos paradigmas que vão surgindo a cada dia e transformando a sociedade.

E com todas essas modificações surgem novas formas de ler. E ao se falar de práticas de leituras modernas retomamos mais uma vez a Chartier (2002) que apresenta o seguinte questionamento: Como pensar a leitura diante de uma oferta textual que a técnica eletrônica multiplica mais ainda do que a invenção da imprensa?

Em relação a esse questionamento pensamos da mesma forma que Aguiar (2004, p.92) quando afirma que “[...] apostamos na vida longa do papel, ao lado da tela”, pois cabe a cada usuário saber usufruir da melhor forma possível os materiais que são oferecidos através da tela do computador. Nesse sentido, achamos conveniente confirmar a relação do papel com a tela com uma passagem de Aguiar (2004) que confirma essa boa relação quando bem aproveitada pelo leitor ativo, crítico e acima de tudo consciente da necessidade de uma boa aprendizagem:

[...] é exemplar o comportamento de uma menina de doze anos que, navegando na internet, e depois de consultar os *sites* que lhe interessavam, imprimiu as páginas escolhidas. Ao ser questionada sobre a razão da cópia em papel, ela explicou que o fazia porque queria ler sobre o assunto [...]. (AGUIAR, 2004, p.92).

Isso é bastante significativo, porque de acordo com a autora a atitude da garota denota o aproveitamento dos dois suportes. Na máquina, exercita uma leitura dinâmica, panorâmica, abrangente, com ícone remetendo a outro e as informações mesclando-se em rede, podendo fazer escolhas e selecionar dados, já no papel impresso, dedica-se a uma leitura reflexiva, vertical, concentrada em um tema, possível de ser repetida em qualquer tempo e lugar, desse modo nota-se que a união desses dois tipos de textos se complementam.

Aguiar (2004) considera que o computador inaugura novos comportamentos dos leitores permitindo escolhas, cruzamentos, relações em rede. Essa notável ruptura se fez constante e segundo Chartier (2002) é agora com um único aparelho, (computador), que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes.

Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (em sua tela) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor).

Nesse momento, o autor deixa claro, que o fato que se torna difícil é justamente a percepção da obra como obra. A leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, os fragmentos textuais do qual quer apoderar-se, sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento.

Nessa perspectiva, concordamos com Chartier (2002), quando especifica que num certo momento, no mundo digital todas as entidades textuais são bancos de dados que procuram fragmentos cuja leitura absolutamente soa e conseqüentemente supõe a compreensão ou percepção das obras em sua identidade singular.

Como tudo em nossa vida, sempre há situações benéficas e ao mesmo tempo maléficas em nossa trajetória. Sendo assim, e de acordo com o autor com a revolução apresentada anteriormente, não foi diferente, haja vista que tal revolução obrigou os indivíduos, ou seja, o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que os moldavam, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o “livro unitário” e está alheio à materialidade do códex.

Nessa perspectiva, retomamos a Yunes (2002) que afirma só “escreve” quem já “lê”, embora na pós-modernidade, na leitura de mundo, insidiosamente, esteja uma leitura oriunda da escrita. Ainda nesta perspectiva é necessário, por conseguinte rever a história da leitura como corolário da escrita.

Nesse sentido, voltando aos discursos sobre a revolução digital, apresentados por Chartier (2002), nota-se que as práticas de leitura em nossa sociedade atual estão em processo de adequação ao novo, ou seja, adaptando as bases que não as impressas, embora esta ainda se faça muito comum, apesar do desenvolvimento tecnológico. Outro fator é que as preferências de muitos sujeitos ainda recaem em manusear o livro para realizar as diversas leituras. Daí entendemos que a cada dia que se passa, embora as leituras sejam realizadas por meio de tela de computador, celular, *tablets* e tantos outros meios tecnológicos que a cada dia surge ao mercado, ou seja, ao meio social, ainda existe o exemplo citado anteriormente por Aguiar (2004) da menina e tantas outras pessoas que preferem manusear o livro porque:

A relação do leitor com o livro impresso é física, corporal, pois ele manuseia o objeto, carrega-o consigo, pode marcá-lo. Com o computador, a mediação do teclado e do mouse instaura um afastamento entre autor, ou o leitor, e o texto (AGUIAR, 2004, p. 96).

Embora com tantas tecnologias de ponta, voltadas para o auxílio da prática de leitura moderna, vale ressaltar que embora exista um contraste enorme entre os que sabem manusear tais equipamentos, bem como aqueles que ainda resistem ou até mesmo não sabem manejar esses “novos” recursos tornando assim um entrave entre as gerações leitoras. Desse modo, Cruz (2012) também ressalta que levando-se em conta a chegada do novo século com seu aparato midiático, fez com que o sujeito aderisse à leitura imagética em detrimento da leitura escrita.

Mesmo com o grande acesso desses recursos voltados para a prática de leitura, faz-se necessário um mediador para alertar o que deve e o que não deve ser lido, já que compreendemos que nem sempre as informações veiculadas pelas mídias são verídicas, são seguras. Sabemos ainda que existem inúmeros outros materiais excelentes para qualquer tipo de pesquisa científica disponível o tempo todo, para tanto, em muitos casos não são adequadas.

A força da leitura para Yunes (2002, p.42) nasce da adesão dos sujeitos, não ao sentido prévio que toda escrita guarda mais ao processo significativo em que cada leitor é convocado a se inserir para fazer interpretação/ criação. Nesse sentido ela afirma que o tempo todo estamos lendo e ler segundo a autora é uma condição de sobrevivência. Aos homens que não leem, e não apenas o verbal, não é fácil sobreviver.

Entretanto, Cruz (2012) enfatiza que a leitura, evidentemente, não é um ato isolado do indivíduo ante ao escrito de outro indivíduo. Sua dinâmica pressupõe a decodificação de sinais e propõe a imersão do leitor no contexto social da linguagem e da aprendizagem, através da compreensão do discurso de outrem.

Trazemos também a contribuição de Carneiro (2002) quando enfatiza que os rituais de leitura nos mostram que cada texto, palavra ou imagem, é um recorte no plano mais amplo da linguagem, e pede uma leitura específica e isso se torna mais evidente quando são levados em consideração os rituais de leitura individuais – o ritual de cada leitor.

Baseando-nos nessas perspectivas, percebemos que as práticas de leituras modernas já contam com o apoio de muitos programas e projetos que beneficiam o hábito de ler dos sujeitos. Isso tem influenciado bastante na fundação salas de leituras e projetos a exemplo deste que está sendo tratado aqui por nós “adote um aluno forme um leitor”. Este por sua vez, tenta unir aos meios de comunicação de massa, para que esse não roube espaço do escrito, e do impresso que por longo período foi a nossa única forma de contato com a leitura, e que

contribuiu incessantemente, para que muitos sujeitos dessem os primeiros passos para a liberdade leitora que antes era um status apenas da minoria.

Abreu (1999) ainda salienta que nem sempre a leitura foi vista de forma tão positiva. Ao contrário do que hoje fazemos, para divulgar/difundir a questão da leitura aos nossos “educandos”. Durante nossa pesquisa nos deparamos com afirmações que nos deixaram perplexas em como a leitura foi tratada ao longo da história. Assim Abreu (1999) discorre que sucederam diversos movimentos com o intuito de afastar as pessoas da leitura, vista como grande perigo. A ideia de que os livros eram portadores de um “veneno lento que corre nas veias” esteve subjacente a variados movimentos de interdição da leitura. Cruz (2012) afirma que certas deficiências afloradas no desempenho da leitura hoje, são decorrentes da má aquisição e distribuição do livro no passado.

Ao longo de nossos estudos, notamos a partir dos discursos feitos por Abreu (1999), Ramos (2012), Vergueiro (2012), McCloud (2008), Carvalho (2006), Pina (2012) que tanto as histórias em quadrinhos quanto a leitura tem se tornado parcerias que deu e que ainda pode se dar muito certo rumo a uma educação de qualidade. Antes de sua aceitação, ambas passaram pelos mesmos constrangimentos, e conseqüentemente pelos mesmos preconceitos. Veja o que destaca Abreu (1999) em seu livro de Tissot *A saúde dos homens de letras*. Inconvenientes físicos, oriundos da leitura:

O cansaço da vista (o menor dos males), o esgotamento dos nervos, oriundo da concentração e meditação requeridas pelo ato de ler. Todo o organismo parecia sofrer os efeitos da leitura, pois ela agiria duplamente sobre ele, forçando continuamente o espírito ao mesmo tempo que mantinha o corpo em repouso durante longos períodos. Em sua prática clínica, diz o autor, encontrou os mais graves distúrbios de saúde, originados da leitura e escrita. A “intemperança literária” causaria perda de apetite, dificuldades digestivas, enfraquecimento geral, espasmos, convulsões, irritabilidade, atordoamento, taquicardia, podendo a conduzir à “privação de todos os sentidos”. A solução para tantos problemas era ler pouco e fazer exercícios (ABREU, 1999, p. 11).

Nessa mesma perspectiva os quadrinhos também sofreram enormes preconceitos como se pode observar abaixo:

As HQ cedo se tornaram objeto de restrição, condenadas por muitos pais e professores no mundo inteiro. Pais e mestres desconfiavam que elas poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”, desviando-os assim de um amadurecimento “sadio e responsável” (VERGUEIRO; RAMA, 2012, p.8). As histórias em quadrinhos provocavam “lerdeza

mental” [...] “quem lê histórias em quadrinhos fica com o cérebro do tamanho de um quadrinho” [...] eram um “veneno importado” (CARVALHO, 2006, p. 32 - 33).

Chartier (1999) segue fazendo belas colocações a respeito das formas de se praticar a leitura, diz que, desde a antiguidade, ler em voz alta tinha, basicamente, dois propósitos tendo de um lado, uma função pedagógica: demonstrar que se é um bom leitor, e constituindo assim como um ritual de passagem obrigatório para os jovens que exibiam seu domínio da retórica e do falar em público. Por outro lado, um propósito literário: ler em voz alta é, para um autor, colocar um trabalho em circulação, “publicá-lo”. Esse modo de publicação não foi abandonado no início do período moderno, seja como forma única para a circulação de um texto, seja antes de seu surgimento na edição impressa.

Célebre em conhecimentos em relação às práticas modernas de leituras Chartier (1999) ressalta que com a impressão, cada leitor individualmente poderia ter acesso a um número considerável de livros podendo cada um atingir um número maior de leitores. Quando adotamos os alunos do projeto, também tínhamos essa mesma intenção, já que eles são muito carentes de livros, embora já existam políticas voltadas para o desenvolvimento dessas práticas, mas, o que se percebe é que infelizmente ainda é muito comum que instituições como essas possuam apenas o material didático. Diante disso, as práticas leitoras desses indivíduos acabam ficando comprometida.

Nesse sentido, o autor ainda nos chama atenção para o fato de que não se pode considerar de maneira muito direta a invenção e a difusão da imprensa como sendo responsáveis por acarretar um rompimento fundamental na história da leitura. As “revoluções da leitura” são múltiplas e não estão imediatamente ligadas à invenção ou às transformações da impressão. A primeira consiste em levar ao longo do processo um número crescente de leitores a passar de uma prática de leitura necessariamente oral, na qual ler em voz alta era indispensável para a compreensão do significado, para uma leitura visual, puramente silenciosa. Embora ambos os estilos de leitura tenham surgido na antiguidade grega e romana, foi durante a Idade Média que a habilidade de ler em silêncio foi conquistada pelos leitores ocidentais. Essa tendência de leitura silenciosa continuou até que mesmo os mais humildes dos leitores tivessem adquirido um estilo e uma habilidade de leitura que não mais exigissem a oralização. Com isso, tem-se aí uma evidência contrária, no que tange a essa evolução nas sociedades de hoje, nas quais as pessoas são consideradas iletradas não somente pelo fato de não poder se ler de modo algum, mas também pelo fato de como segundo Chartier (1980) não

manipularem do mesmo modo a matéria escrita, uns por não saberem lê-la e outros por não quererem ou não o poder fazer. Verificando-se aí que alguns indivíduos só serem capazes de entender um texto quando o leem em voz alta.

O autor ainda faz um apanhado sobre os processos pelas quais passaram a leitura, tradicional até chegar às práticas de leitura moderna, fazendo assim um belo discurso acerca de cada evolução. Diante dessa perspectiva, para o autor a primeira revolução na leitura teve início na Idade Moderna e, que de maneira geral, independente da revolução tecnológica na produção de livros. Ela teve raízes em mudanças ocorridas nos séculos XII e XIII, transformando a função mesma da palavra escrita, substituindo o modelo monástico, que atribuía à escrita uma tarefa de preservação e memória em grande parte dissociada da leitura, pelo modelo escolástico, que tornou o livro, tanto um objeto quanto um instrumento de trabalho intelectual.

Chartier (1999) considera que a segunda revolução na leitura ocorreu durante a era da impressão, mas antes da industrialização da produção do livro. Tal revolução, ocorrida na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça durante o século XIII, apoiaram-se em diferentes circunstâncias: crescimento da produção do livro, que triplicou ou quadruplicou entre o início do século e os anos 80, a multiplicação e transformação dos jornais, o triunfo dos livros de pequeno formato e a proliferação de instituições (sociedades de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimos), que tornaram possível ler livros e periódicos sem ter que comprá-los.

Para o autor essa série de transformações ocorreu sem grandes mudanças na tecnologia de impressão. Elas levaram ao desenvolvimento de novos gêneros textuais e novas práticas de leitura. Os leitores tradicionais tinham acesso a um conjunto de livros fechado e limitado, os quais eram lidos e relidos, memorizados e recitados, possuídos e transmitidos de uma geração para outra. Esse estilo de leitura foi formado pela relação religiosa com textos sagrados e era profundamente impregnado de sacralidade e de autoridade. Os novos leitores devoravam um grande número e uma imensa variedade de impressos efêmeros. Eles liam rápido e avidamente, submetendo o que tinha lido a um julgamento crítico imediato. É perceptível que com o auxílio da diversificação da produção impressa permitiu novas práticas de leituras.

Isso fez com Chartier (1999) assegurasse que no século XIX, as novas categorias de leitores (mulheres, crianças, trabalhadores) fossem apresentadas à cultura impressa e, ao mesmo tempo, modelos para a leitura. As disciplinas educacionais, impostas em todo lugar, tenderam a definir uma norma única, controlada e codificada de leitura legítima, mas essa

norma contrastava fortemente com a extrema diversidade de práticas em várias comunidades de leitores, tanto aqueles já bem familiarizados com a cultura escrita quanto os que tomaram contato recente com ela.

Outra revolução que acreditamos ser bastante conhecida por todos os sujeitos e que se faz bastante presente em nosso cotidiano apresentada também por Chartier (1999) é a revolução causada pela transmissão eletrônica de textos. Primeiramente, transforma a noção de contexto, ao substituir a contiguidade física entre os textos presentes no mesmo objeto (um livro, uma revista, um jornal) por sua distribuição. Nas arquiteturas lógicas que regem aos banco de dados, os arquivos eletrônicos e sistemas de processamento, que tornam possível à informação. Redefinam também o “material” dos trabalhos, ao suprimir a relação imediata e visível que existe entre o objeto impresso (ou manuscrito) e o texto ou textos que contém.

Chartier (1999) especifica que ao tornar a produção, transmissão, e leitura de um dado texto feito de forma simultânea, e ao atribuir a um único indivíduo as tarefas, até aqui distintas, de escrever, publicar e distribuir, a apresentação eletrônica dos textos anula as antigas distinções entre papéis intelectuais e funções sociais. Torna-se, ao mesmo tempo, imperativo redefinir todas as categorias que organizavam as expectativas e percepções dos leitores.

O autor especifica que o mundo dos textos eletrônicos também remove a rígida limitação imposta à capacidade do leitor intervir no livro. O objeto impresso impunha sua forma, estrutura e espaços ao leitor e não supunha nenhuma participação material física do mesmo. Se, contudo, quisesse inscrever sua presença no objeto, ele só poderia fazê-lo clandestinamente, ocupando com seu manuscrito as margens ou nas páginas em branco. Tudo isso muda com o texto eletrônico. Não apenas os leitores podem submeter o texto a uma série de operações (pode indexá-lo, mudá-lo de um lugar para o outro, decompô-lo e recompô-lo), mas pode também tornar-se co-autores.

Desse modo, Chartier (1999) ao fazer a distinção entre escrever e ler, entre o autor do texto e o leitor do livro, que é imediatamente discernível pela cultura impressa, dá lugar agora a uma nova realidade: o leitor torna-se um dos possíveis autores de um texto multiautoral ou, no mínimo, o criador de novos textos compostos por fragmentos deslocados de outros textos. Os leitores modernos ainda têm o poder de intervir a qualquer momento para modificar o texto e reescrevê-lo. Tudo isso, assim como a possibilidade de receber textos, imagens e sons no mesmo objeto – o computador.

A prática de leitura a partir das trocas de experiências especificamente das cartas entre os alunos adotados mostra que essa era uma prática que até então fora desconhecida na referida unidade escolar tanto pelos alunos quanto pelos responsáveis pela mediação. Ao se falar de gosto para a leitura, Yunes (2003, p. 44) faz o seguinte questionamento: O que deve fazer para despertar numa criança o gosto de ler? Eu antes me pergunto o que fizemos para que ela deixasse de ter prazer em ler, em alargar seus horizontes de mundo, porque todas elas a princípio viajam para os mundos extraordinários que as narrativas lhe oferecem, até que, começando a ler solitários e constrangidos, seja pelo código que vala a palavra, seja pela imaginação da travessa, se afastam e desgostam de ler.

Diante de todo esse ensejo, acreditamos que o leitor esteja curioso para saber se: as HQ realmente formam leitores? Essa foi umas das perguntas que nos perseguiram fazendo com que perdêssemos noites e noites de sono, na tentativa de buscar a resposta mais adequada objetivando fazer essa relação.

E, tomando como base, teóricos altamente conhecidos que discutem a temática das HQ como ferramenta indispensável para a formação leitora bem como a prática de leitura e ao fim não poderíamos deixar de enfatizar simplesmente que em nada modifica as leituras dos quadrinhos na vida de qualquer que seja o indivíduo. Pois como afirmam Iannone e Iannone (1994, p. 19):

As Histórias em Quadrinhos (HQ) estimulam e incentivam o leitor a buscar também outros tipos de leitura, uma vez que, juntamente com os livros, são instrumentos saudáveis para estimular a imaginação e o raciocínio de jovens e crianças.

Nesse sentido, em relação aos sujeitos envolvidos em nossa pesquisa, com certeza foi bastante significativa para a formação deles enquanto cidadãos, desenvolvendo bastante a prática da escrita bem como a sua formação leitora, já que permitiu fazer reflexões a respeito de alguns assuntos que apareciam nos livros e gibis doados a eles.

Enfim, levando em consideração as poucas cartas respostas que tivemos acesso, nas quais os alunos fazem menção à “sala de leitura” de maneira bastante satisfatória, nota-se que se esses alunos fossem melhor assistidos da forma como merecem, com certeza essa realidade absurda seria modificada e, portanto, até contaminariam de forma positiva muitos políticos que se encontraram por aí camuflados, referindo somente àqueles que mal conhecem a realidade do município, que administra. E ainda, analisando a fala de Cruz (2012) o lugar da leitura é um espaço para a formação social podendo assim organizar melhor o seu espaço

social. Isso será possível se procurar compreender o ambiente escolar como um espaço de troca de experiências pautada em se construir principalmente leitores assíduos.

Nessa perspectiva, é sabido que a prática de leitura acontece de forma mais eficaz quando é motivada pela necessidade e pelo prazer. E os quadrinhos podem ser uma ferramenta de extrema importância para iniciar a exercitar todos os sujeitos, em especial as crianças, a mergulhar no caminho que leva a concretização do prazer da leitura, antes mesmo de ter acesso a qualquer outro recurso. Já que se faz indispensável o contato com diferentes objetos de leitura, a fim de proporcionar ao leitor capacidade para praticar leituras muito mais complexas. Pois como afirma Pina (2012, p.119):

Para ser leitora, a criança - e mesmo o adulto - não tem que apenas ler o livro, ela pode ler gibis, cordel, jornal etc. Ler é parte da vida contemporânea. Ou, pelo menos, pode vir a ser. Inclusive ler literatura, qualquer que seja seu suporte.

Falar de leitura é ao mesmo tempo pensar sobre o papel da escrita. E discorrer sobre escrita de cartas em pleno século XXI, não é algo tão simples como parece, uma vez que a contemporaneidade digital utiliza de inúmeros artefatos para se comunicar uns com os outros. Artefatos esses que desperta muito mais prazer e interesses nos indivíduos por esta lidando com objetos da mais moderna e sofisticada tecnologia, já existente no mercado, ou seja, que ainda se encontra no auge para muitos jovens e adolescentes que se deixam reduzir por essas mídias efêmeras.

Todavia, o interesse dessa pesquisa voltada para as HQ na escola bem como sua utilização na prática de leitura e formação do leitor, utilizando o corpus “escrita de cartas e HQ” é que ao mesmo tempo em que despertamos o gosto pela leitura nesses adolescentes, fizemos de certa forma um desafio que poderia ser aceito ou não, já que a mídia eletrônica já se encontra disponível e de fácil acesso para todos, embora imaginamos que uns tenha maior facilidade de acesso a esses recursos que outros. Eles atenderam nossa solicitação ao mesmo tempo em que resgatamos um dos primeiros gêneros textuais que é a carta que poderia está esquecido na memória de muitos. Isso se faz importante, porque se não voltarmos as nossas raízes, a nossa cultura a exemplo do gênero carta, poderá cair no esquecimento e a geração moderna bem como a futura, poderá chegar se a ponto de nem sequer conhecer esse gênero que por muito tempo foi a porta voz da comunicação de longa distância entre familiares que ao mesmo tempo, serviam para praticar tanto a leitura quanto a escrita do ser humano, e que hoje está sendo trocada por ferramentas de leituras moderna.

Só para se ter uma ideia de como tem crescido o mercado das leituras modernas aqui associadas as HQ que ao nosso ver também ocupa lugar especial para a formação cidadã, trouxemos as reflexões da monografia de Lima (2006), que foi apresentada a Universidade da Paraíba, apresentada com o seguinte título *Histórias em Quadrinhos: um perfil do público leitor em escolas particulares na cidade de João Pessoa*, fala de forma bastante segura das novas formas contemporâneas de atrair o público leitor de quadrinhos, assim explicita que tanto no mercado americano de HQ, quanto no nacional, existe uma diversificação de conteúdos na tentativa de atrair novos consumidores. Para ele uma prova dessa mudança de postura, tanto por parte do leitor quanto dos produtores, é a migração das HQ para uma nova mídia: a Internet. As já chamadas HQ virtuais, ou ainda HQtrônicas, atualmente são vistas por muitos e se espalham por inúmeros sites, o mais famoso é o site da Nona Arte, (histórias em quadrinhos) onde se pode ler “*on-line*” as histórias ou “baixá-las” para o computador, criando assim uma alternativa ao consumo e divulgação. Porém, são produções independentes, as maiorias das revistas das grandes editoras ainda não estão disponíveis na rede de computadores, e além dessa limitação, como já visto no decorrer dessa nossa pesquisa o leitor “tradicionalista”, muito apaixonado por esse tipo de texto narrativo, não renuncia à leitura realizada na revista impressa para essas formas modernas.

A partir das HQ/gibis unidas às cartas nota-se que atualmente a leitura dos adolescentes, em especial os de Caetité é feita de maneira diversificada, aproximando mais do modelo das práticas de leituras contemporâneas aonde a era digital assim definida por Chartier (1980) fala mais alto. Nesse sentido, afasta-se do livro impresso, para tanto, tornou-se normal, haja vista que convivemos com indivíduos que vivem num mundo altamente “globalizado” que dialoga com as mais diversas novas mídias bem como as disputadíssimas redes sociais que permitem a escrita e forma totalmente diferenciada das do gênero textual carta, isso permite ao leitor da atualidade um novo modo de ler e escrever. Ao se falar de mundo globalizado Bauman (1925, p.7) afirma:

A “globalização” está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira.

Quando Bauman (1925) se refere a “uma senha capaz de abrir as portas para todos os mistérios”, é de um encantamento só, em especial ao perceber a dinâmica do autor, visto que qualquer sujeito contemporâneo globalizado é capaz de entender perfeitamente seu discurso, já que o acesso de apenas uma senha por mais simples que seja abre portas para o sucesso dos indivíduos, em especial aqueles que sabem aproveitar de tudo que lhe é ofertado sem desmerecer a credibilidade que lhe foi dada.

É nesse sentido que o leitor contemporâneo sente: se a leitura mais atraente, mais prazerosa por ser feita na tela do computador, já que esses novos recursos permitem a interferência no texto do outro. Deve-se também lembrar que os leitores de hoje costumam compartilhar comentários com outros leitores a partir de *e-mail*, *facebook* e outros mais. Desse modo, essa interação faz com que os leitores sintam mais prazer em usufruir desses gêneros até pouco tempo acessíveis apenas a uma pequena minoria, visto que por ser mais dinâmica que permite várias modificações.

O interessante dessa troca por meio das redes sociais, é que os leitores, ao verem sugestões e comentários, compartilhamentos e curtidas sobre certo material algumas vezes desconhecidos, procuram correr atrás dessas informações para não ficarem desconectados. Isso também aconteceu com o projeto a que estamos trabalhando “adote um aluno forme um leitor”, já que, após perceberem que os colegas estavam recebendo ótimos materiais de leitura, alguns alunos que inicialmente não demonstraram interesse em participar resolveram se encaixar também no projeto.

Esses participantes se tornaram bons leitores, visto que o bom leitor é aquele que, envolvido numa relação de influência mútua com as mais diversas leituras, assim como a HQ, encontra o significado quando lê, procura compreender o texto, ou seja, a linguagem verbal e a não verbal relacionando-a com o mundo em que está inserido, construindo e organizando assim novos significados do que foi lido. A leitura das Histórias em Quadrinhos pode contribuir de forma significativa numa sociedade letrada, no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual dos sujeitos que sabe aproveitar esse gênero ao seu próprio bem. Nessa perspectiva trazemos Pina (2012, p. 21) que afirma:

Há, portanto, entre ambos – o texto com seu leitor implícito e o mundo com seus leitores históricos – uma assimetria que, longe de impedir o trânsito de sentidos, viabiliza o diálogo, pois provoca o desejo de interação: o leitor empírico sempre quer entender o que lê, conseqüentemente, envida esforços para aproximar-se do mundo que lhe é dado pelo impresso. Nesse processo, vai negociando com a obra e com as suas próprias expectativas. Dessa

forma, a leitura provoca o indivíduo leitor a superar suas próprias limitações e o insere em um constante movimento de transformação.

Infelizmente é comum em nosso país nos depararmos com jovens que se formam sem entender quais são os verdadeiros benefícios da leitura e acabam não lendo mais nada, fechando-se para o mundo da leitura. Segundo Cruz (2012, p.57) isso acontece:

Devido muitas vezes ao fato de que, a leitura escolarizada é sempre determinada e orientada por um professor e vem em seguida de avaliação francamente explícita ou velada. Em que estão ausentes quase sempre o teatro, o poema, o diário, as memórias e as crônicas.

A maioria dos alunos abandonam os livros ao mesmo tempo em que deixa a escola, ainda conforme Cruz (2012) a escola tem cometido um grave erro: ensina a leitura como um ato mecânico. Desta forma o prazer na leitura é suplantado pelo dever didático e assim a leitura passa a ser uma atividade obrigatória, enfadonha e moralista [...]. Este não é o perfil de leitores que queremos e sim aqueles que continuem sendo leitores além dos muros da escola, que sejam motivados a ler e escolher livros, especificamente as HQ que possibilita, ou seja, incentiva leituras variadas. E ainda, é nesse sentido que a autora acredita que a escola tem por obrigação criar uma ação cultural que promova leituras críticas e geradoras de novos significados para a vida de seus educandos. Quando a escola passar a acreditar que é possível educar através da arte, ela conhecerá uma nova fase da vida escolar, aonde o aluno vai à escola porque ele deseja desvendar a si e ao outro. Mas para que isso aconteça é necessário o convívio de crianças, jovens e adolescentes com gêneros textuais diversificados, exercitando dessa maneira, o senso crítico para que ao mesmo tempo possa adquirir o prazer de ler, pois como diz Pina (2012, p.36):

A leitura literária demanda, para ser bem sucedida, o momento da aproximação, do envolvimento, dos pequenos presentes: um significado aqui, uma emoção ali, um arrepio, um suspiro, um pouco de medo, afinal, texto e leitor, até a abertura da primeira página, são quase ilustres desconhecidos. As fases iniciais desse processo de descoberta recíproca são fundamentais para a fruição prazerosa da leitura.

O contato com as HQ, desde cedo, é capaz de ampliar significativamente o aprendizado, o desejo, o prazer desses sujeitos. Mas para isso, é necessário o investimento na formação de mediadores de leitura para que possam semear o prazer de ler textos diversos sem sentimentos

de obrigação ou até mesmo de pura necessidade. Em suma, o aluno terá maiores chances de ser bom leitor se a escola contribuir construtivamente para recuperar a leitura como fruição do texto.

Assim, outra prática relevante capaz de formar leitores é a busca por livros/ HQ que agradem o público leitor, pois pode ser um processo de descobertas também para o professor, já que a formação do leitor é contínua. Sendo assim, pode-se explorar uma temática e, de acordo com ela, oferecer aos leitores inúmeros textos de gêneros variados a fim de perceber a dinâmica da prática de leitura realizada pelo sujeito. Para isso, é indispensável que boas iniciativas a exemplo do projeto aqui tratado, bem como o projeto *Sala de leitura* que foi colocado em prática na mesma escola do município de Caetité não parem de surgir, mas que sejam exemplos para início de muitos outros que poderão nascer na tentativa de proporcionar a leitura uma experiência que cause prazer em seus leitores. Enfim, Cruz (2012) também traz a sua contribuição quando salienta que o desafio da educação contemporânea consiste em contribuir na edificação de um mundo mais solidário e, portanto mais humano.

5 - PONTOS SEM NOS

No processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, re-inventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. (PAULO FREIRE, apud KLEIMAN, 2002, p.83).

Através da pesquisa aqui realizada, buscamos percorrer todo o trajeto pela qual as HQ passaram e também apontar como a arte sequencial era vista por todos os segmentos sociais. Isso foi fundamental para compreendermos melhor como funcionou esse instrumento que de certa forma “revolucionou” a prática pedagógica vigente, dando um suporte a mais no que se refere à formação de indivíduos dentro e fora das instituições escolares. Esse *status* por sua vez, só se tornou realidade graças à promulgação de algumas leis que foram sancionadas, a fim de contribuir para que as HQ fossem trabalhadas em sala de aula de maneira mais eficiente e dinâmica, conforme foram vistas no decorrer de nossa investigação. Tivemos também a participação de vários teóricos, críticos e acadêmicos que levantaram a bandeira e vestiram a camisa para mostrar que muitas ideias preconceituosas em relação a esse gênero não tinha fundamento algum. Fato este que também foi constatado por nós nessa pesquisa.

A HQ, unida ao campo educacional, começou por transformar indivíduos passivos em leitores ativos, uma vez que traz em seu contexto, temáticas inovadoras capazes de ampliar o universo dos sujeitos leitores e como já mencionado, esse gênero deixou de ser visto exclusivamente como recurso de lazer, passando a ser utilizado como instrumento pedagógico capaz de auxiliar o mediador no processo de ensino aprendizagem dos seus leitores. A partir das cartas analisadas, percebemos que as experiências com quadrinhos em sala de aula, ainda passam despercebidos, ou seja, uma prática não viável por alguns professores por razões que foram refletidas e discutidas durante a nossa análise.

A partir dos dados coletados, foi possível constatar a carência desses sujeitos em relação à prática de leitura, muitas vezes, por falta de recursos (livros/gibis) e até mesmo de mediação adequada que os incentive a desenvolver o gosto pela leitura, estes que a nosso ver tem “sede de leitura”. Porém, o sistema escolar/ social ainda reprime, e conseqüentemente, não contempla de forma satisfatória essas mudanças, fazendo com que seja um tipo de educação colonizadora.

É imprescindível apresentar o aluno aos mais diversos tipos de texto, escritos ou não, visto que não há mais espaço no meio escolar para leituras que permitam a voz única, ou seja, que aceitem uma única interpretação, nem mesmo apenas leitores de livros, já que cada vez mais, se faz indispensável que os sujeitos sejam capazes de compreender as múltiplas linguagens. Nesse sentido, a nosso ver, as HQ tem se tornado como subsídios, uma excelente alternativa fazendo com que o aluno perceba a forma com que são constituídas tais estrutura (visual/verbal) da língua, que aparecem presentes neste material.

Enquanto os professores persistirem em um ensino fragmentado e artificializado da língua, sem orientar o aluno para o seu uso real, eminentemente social, a escola não estará cumprindo a sua função primordial que é ensinar ao aluno os usos da escrita.

Concluindo a nossa pesquisa, é possível afirmar que o leitor adolescente do município de Caetité, necessariamente o público observado no Grupo Escolar Manoel Lopes demonstra ter “fome” de recursos que lhes possibilitem inserção no processo de ensino/aprendizagem, transformando-os em leitores críticos-reflexivo. Esse fato foi observado durante a participação no projeto e à medida que os alunos participantes pediam mais e mais livros/gibis a fim de que sua aquisição de um recurso chamado leitura se efetivasse verdadeiramente e não apenas de maneira superficial.

Contudo, se faz necessário que o professor se adapte a essa nova realidade, apropriando-se das novas tecnologias existentes, pois a HQ não somente facilita o processo ensino/aprendizagem como também possa ser uma aliada de fundamental importância no cotidiano escolar dos sujeitos, desde que bem mediada, já que é um recurso muito rico, diversificado e dinâmico que atinge um estudo interdisciplinar quando usada de forma criativa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 10.ed São Paulo: Loyola, 2003.

ABREU, Márcia. . **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Campinas, SP: FAPESP, Mercado de Letras, 1999.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4.ed.-São Paulo: Perspectiva, 1996.

BARBOSA, Alexandre. In VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs.). **Quadrinhos na educação: da rejeição a prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedito Vecchi**. Tradução: Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro:Zahar, 2005.

BAZERMAN, Charles. DIONÍSIO, Ângela Paiva, HOFFNAGEL, Judith Chambliss (orgs.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Por que cartas do leitor na sala de aula**. Gêneros textuais e ensino. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e escrita**. 2000. Tese (Doutorado). Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000276984>. Acesso em: 01/10/2013.

CARNEIRO, Flávio Martins. “Leitura e Linguagens”. In YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidade**. São Paulo: Loyola/ PUC-Rio, 2002, p.64-68.

CARVALHO, DJota. **A educação está no Gibi**. Ilustrações de Bira Dantas. Campinas, Papyrus, 2006.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉRBRD, Jean. **Discursos sobre a leitura: 1880-1980**. São Paulo: Ática, 1999.

CUNHA, Maria Antonieta. **Literatura infantil: teoria e prática**. 12.ed. São Paulo: Ática, 1993.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor**. Salvador: EDUNEB, 2012.

FEIJÓ, Mário. **Quadrinhos em ação: um século de história**. São Paulo: Moderna, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O que é um Autor?** Lisboa: Vega, 1992. (Coleção Passagens).

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. In _____ Col. Polêmicas do Nosso tempo, Cortez, São Paulo, 1985.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.159 p.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antônio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. 4.ed. São Paulo: Moderna 1994.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9.ed. Campinas, Pontes, 2002.

LAJOLO, Marisa. "O texto não é pretexto". In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p. 52-62.

LIMA, Marcelo Soares de. **Histórias em quadrinhos: um perfil do público leitor em escolas particulares na cidade de João Pessoa**. Monografia, Campina Grande, 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/banco/hqs-um-perfil-do-publico-leitor-em-escolas-particulares-de-joao-pessoa>. Acesso em: 23/09/2013.

LUYTEN, Sônia Bibe. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LUYTEN, Sônia Bibe. VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS, Paulo, CHINEN, Nabu (Orgs). **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Criativo, 2013.

MCCLLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos: como a imaginação e a tecnologia vêm revolucionando essa forma de arte**. São Paulo: M. Books, 2006.

MCCLLOUD, Scott. **Desenhando quadrinhos: os segredos das narrativas de quadrinhos, mangás e graphic novels**. São Paulo: M. Books, 2008.

MELO, Antônio Marques de. VERGUEIRO, Waldomiro, RAMOS, Paulo, CHINEN, Nabu (Orgs). **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Criativo, 2013.

MENDONÇA, João Marcos Pereira. Biografias em quadrinhos In VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs). **Quadrinhos na educação: da rejeição a prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. “Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos”. In DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.194.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro**: imaginário da leitura no Brasil-Colonial/. Campinas: UNICAMP, 1994.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PINA, Patrícia Katia da Costa. **Literatura Em Quadrinhos**: Arte e leitura hoje. Curitiba: Appris, 2012.

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs). **Como usar as Histórias em Quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura infantil e juvenil**: vivências de leitura e expressão criadora. Rio de Janeiro: Saraiva 1993.

ROSENBERG, Bia. **A TV que seu filho vê**. São Paulo: Panda Books, 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. **Leitura em curso**: trilogia pedagógica 2.ed. Campinas. Autores Associados, 2005.

_____. **Críticidade e leitura**: ensaios. São Paulo: Global, 2009.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo; Difusão Cultural do Livro, 2004.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. 10.ed. Campinas: Papyrus, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs). **Quadrinhos na educação**: da rejeição a prática. São Paulo: Contexto, 2009.

VILELA, Túlio. “Quadrinhos de aventura”. In VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs). **Quadrinhos na educação**: da rejeição a prática. São Paulo: Contexto, 2009, 73.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

YUNES, Eliana; OSWALDO, Maria Luiza. **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009.

_____. “Dados para uma história da leitura e da escrita”. In: **Pensar a leitura: complexidade**. São Paulo: Loyola PUC/Rio; 2002, p.52.

ZENI, Lielson. “Literatura em Quadrinhos”. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Orgs). **Quadrinhos na educação: da rejeição a prática**. São Paulo: Contexto, 2009, p.127-165.

ANEXOS

Anexo 1 : Imagem da obra um contrato com Deus e outras histórias de cortiços. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pTVN3-0NTZY> Acesso em 14/10/2013



Anexo 2: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pTVN3-0NTZY> Acesso em 14/10/2013



Anexo 3: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pTVN3-0NTZY> Acesso em 14/10/2013



Anexo 4: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pTVN3-0NTZY> Acesso em 14/10/2013



Anexo 5: Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=pTVN3-0NTZY> Acesso em 14/10/2013



Anexo 7: Disponível em: <http://marciaserante.blogspot.com.br/2010/07/historia-em-quadrinhos-sobre-pessoas.html>. Acesso em 21/08/2013



Anexo 8: Disponível em: <http://marciaserante.blogspot.com.br/2010/07/historia-em-quadrinhos-sobre-pessoas.html>. Acesso em 21/08/2013



Anexo 9: Disponível em: <http://marciaserante.blogspot.com.br/2010/07/historia-em-quadrinhos-sobre-pessoas.html>. Acesso em 21/08/2013



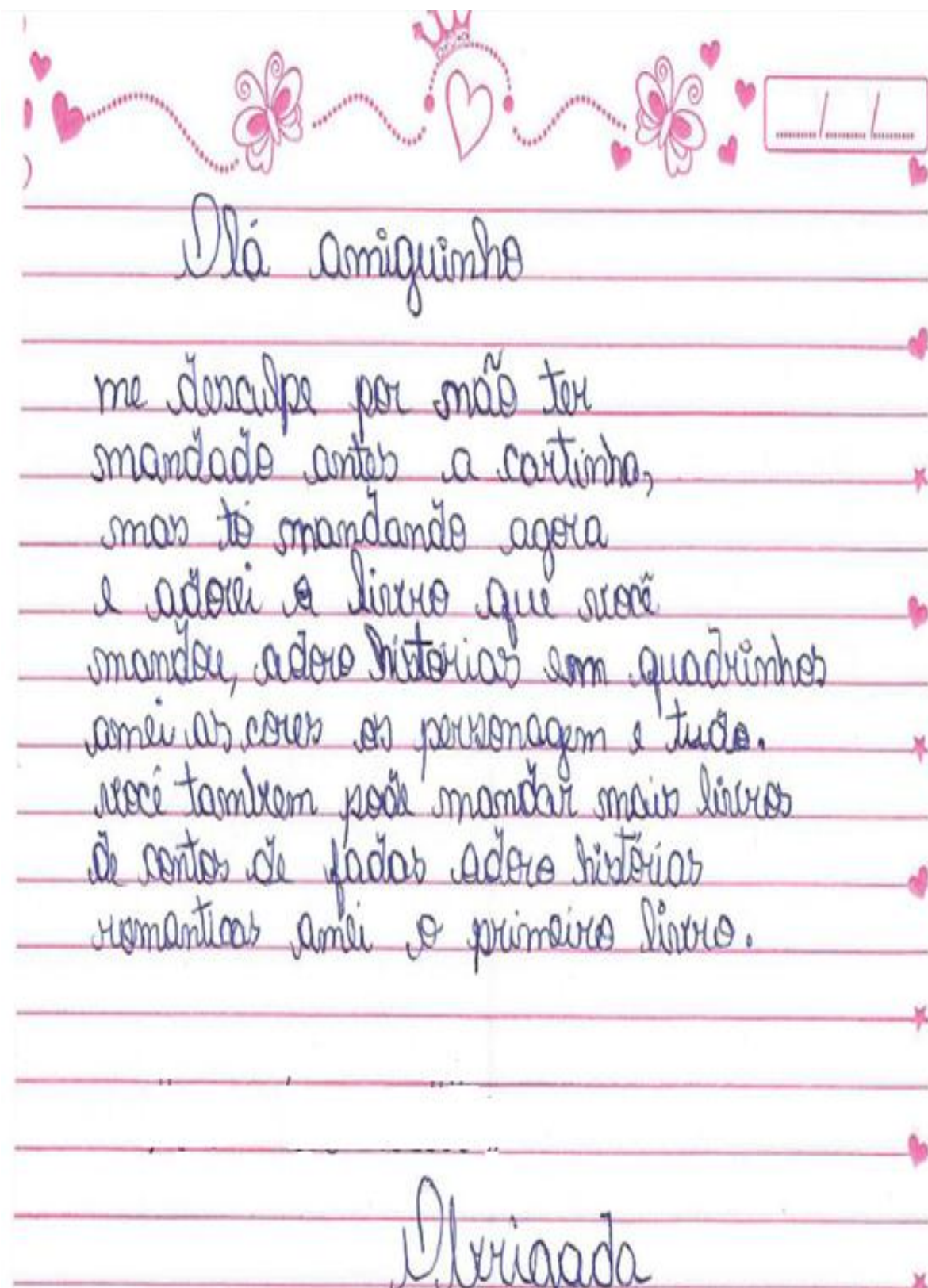
Anexo 10: Disponível em: <http://marciaserante.blogspot.com.br/2010/07/historia-em-quadrinhos-sobre-pessoas.html>. Acesso em 21/08/2013



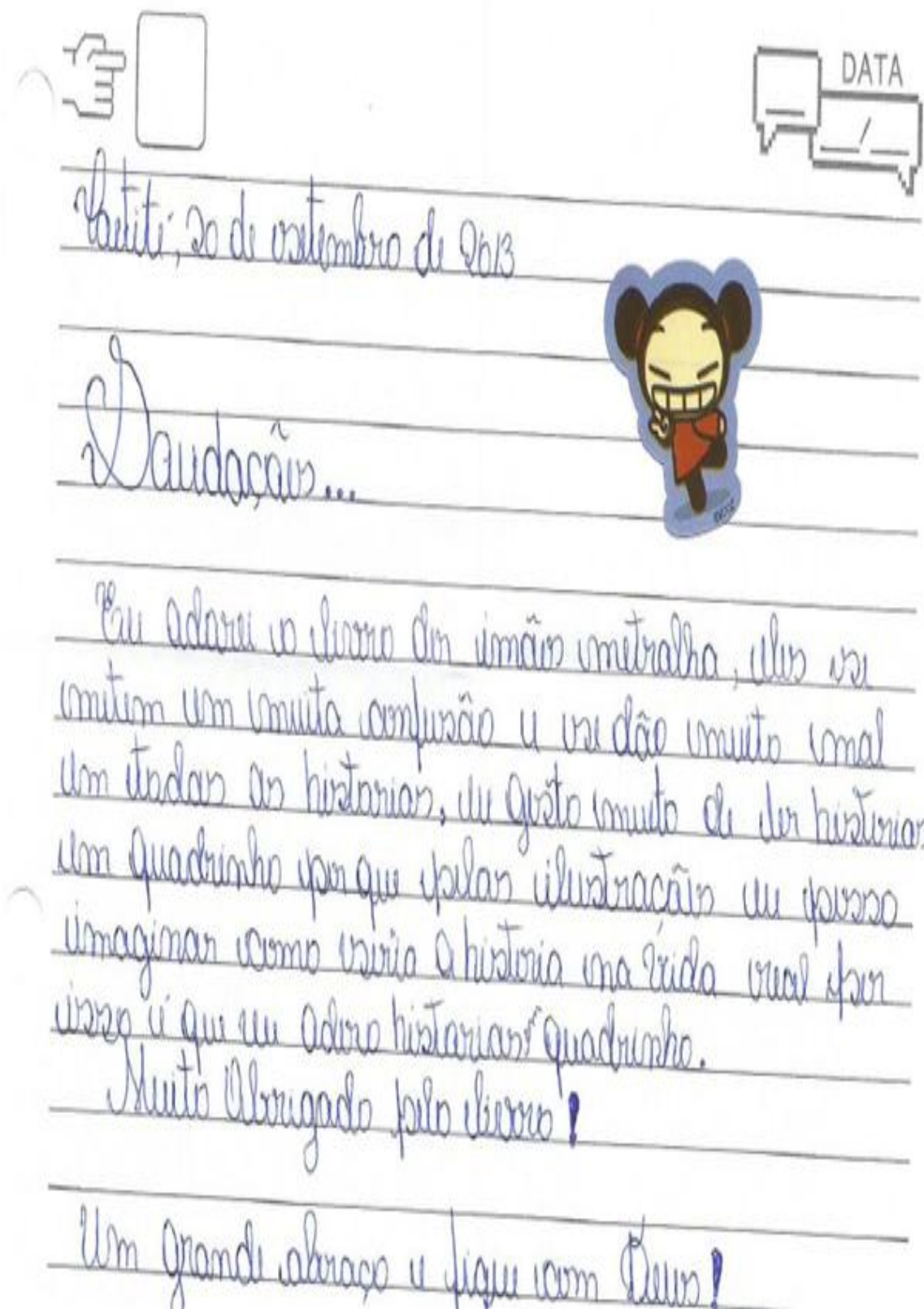
Anexo 11: Disponível em: <http://marciaserante.blogspot.com.br/2010/07/historia-em-quadrinhos-sobre-pessoas.html>. Acesso em 21/08/2013



Anexo 12: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"



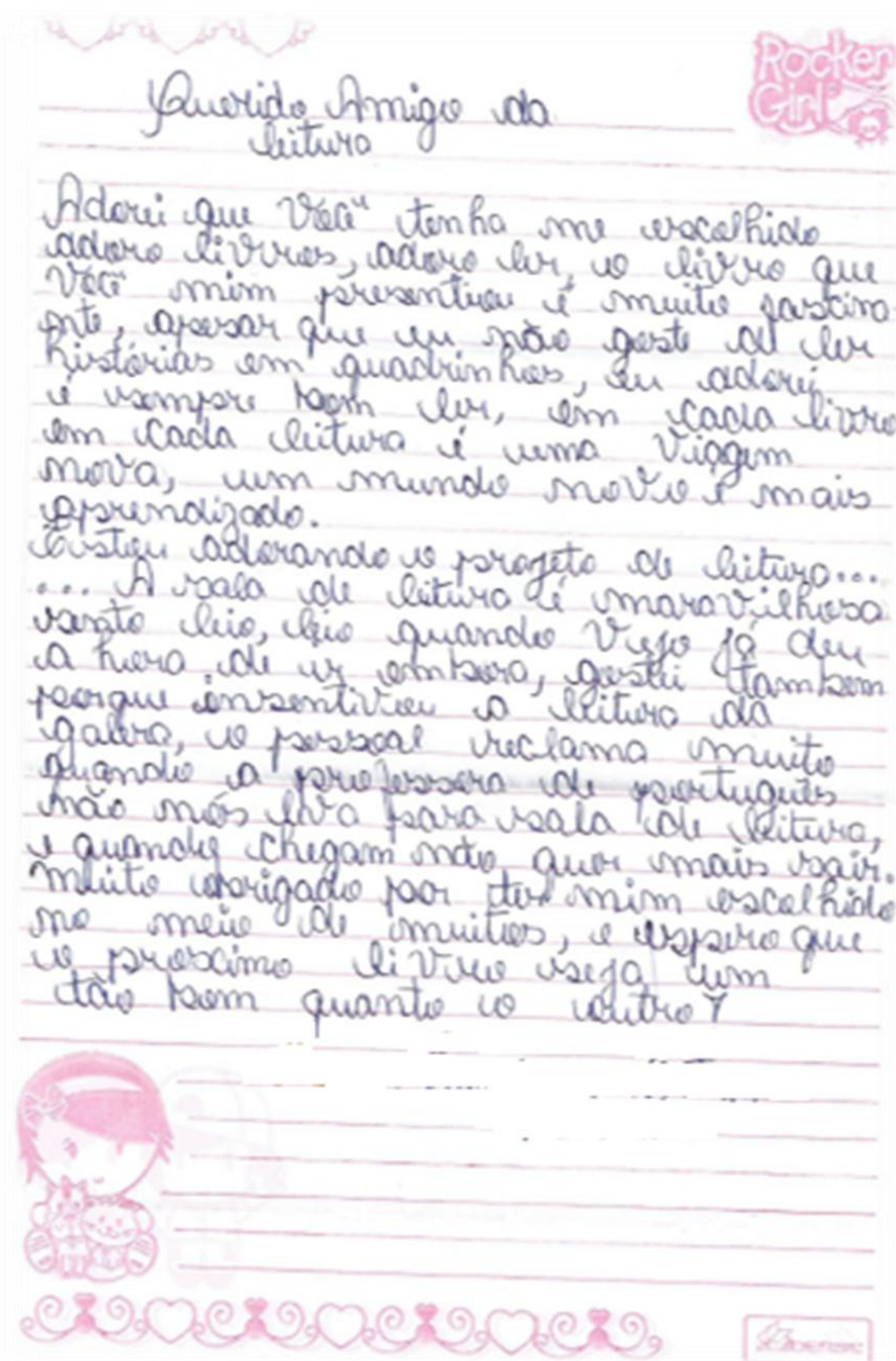
Anexo 13: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"




Anexo 14: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"





Anexo 15: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"



Anexo 16: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"




 DATA

 Olá,

caetité, 19 de julho de 2013. Graça -
nara, estou lhe escrevendo para te
dizer o quanto gostei do gibi que
me mandou, é muito legal, quero
te dizer o que eu entendi sobre
as histórias da versistinha, vou
começar pela história, "Elicio Bento:
em a corrida de Bedes" Aqui fala
sobre um menino da cidade, que
chegou até a zona rural para visitar
o seu primo e seus tios, ele chegou
no dia mais animado do ano, aque-
le dia era dia da corrida de Bedes.
Ele conhece mais sobre a corrida
e ainda mais sobre o prêmio que
era um queijo e um bife de
uma bela menina, ele interessado
participa da corrida e ele ganha, na
hora de ganhar o prêmio, ele ganha
o queijo e o bife que ele já ganhava
não era bem daquela bela menina,
era de quem fez o queijo, mas quem
fez o queijo foi uma mulher que
não era dela que nem a menina,
então ele saiu correndo e foi para
casa de seus tios e em seguida foi memo-
ria para a (cidade) cidade. Depois de muito
tempo ele volta de novo para passear,

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

Restante no verso





mas para sua mal sorte ele chegou em outra época de festa, que era a festa da colheita, em saber disso ele saiu correndo.

Vou falar agora sobre a segunda história que é "chico lento em: escrita".

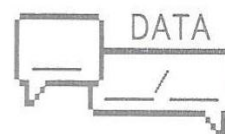
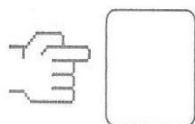
Esta história fala sobre um galo, que na zona rural servia como relógio, um dia ele cantou na hora errada, então o dono dele descobriu que esse galo estava velho, e não podia cantar mais na hora certa, então o dono dele diz que vai comprar um outro galo, o filho do dono dele ficou muito triste com o que seu pai falou sobre o galo, o pai do menino foi até a cidade e presentou o seu filho e o galo, ele deu o seu filho um despertador para que ele acorde na hora certa e deu para o galo uma casinha, para que descansasse, e os três ficaram felizes.

E a terceira e a última é "chico lento em: tem que saber prender na cachola."

Fala sobre dois meninos que iam muito mal na escola, então as mães delas disseram para eles, se eles não estudassem elas não vão querer ver eles nunca mais. Eles têm uma ideia de ir pregar a noiva para

 PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal Restante (~~de~~ ~~o~~) do outro do do



estudar com eles para a prova,
eles estudam de uma forma devor-
tida e graças a vó dita eles acertam
toda a prova e no final quem não
acertou a prova foi os namorados deles.

Estou muito ansiosa para saber
qual é o próximo sirote ou gírio que
vai me mandar, por que esse gírio que
me mandou é muito interessante. É logo
de início já estou ansiosa para te conhecer
pessoalmente, pena que vai demorar.

Um grande abraço...

Anexo 17: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"


 DATA
 30/09/18

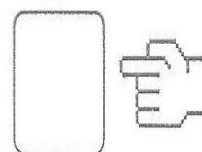
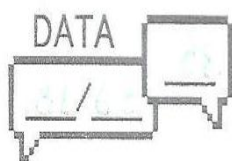

Olá

Caetité, 30 de setembro de 2018.

Estou lhe escrevendo muito contente, pois a revista que me mandou eu estimo, e estou contente por saber que mãe vai demorar para te contatar, voltando aos assuntos dos revistas, eu esqueci de responder umas perguntas que me fez sobre a revista anterior que era: Se os hábitos ou manias das pessoas que moram na cidade são os mesmos de quem mora na zona rural e porquê? A minha resposta é que os hábitos e as manias das pessoas que moram na cidade não são iguais das pessoas que mora na zona rural porque o modo de convívio delas são diferentes, a hora de acordar porque as pessoas que moram na zona rural acordam um cedo, as pessoas que moram na zona rural tem tudo em seu quintal, as pessoas que moram na cidade compra tudo em supermercado. Eu entendi sobre a história "Gaspazinho em Holandês" que para termos o que queremos não precisamos de violência ou guerra, precisamos simplesmente de um bom diálogo, sobre o seu questionamento: Se eu preferir ler histórias em quadrinho ou narrativas, Porquê? A minha resposta é, que eu gosto de ler os dois mas eu prefero mesmo, ficaria em quadrinhos, por que as histórias em



PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:





quadrinhos além de contar as histórias mostra
 várias imagens sobre a história que fica
 melhor para compreender. Eu entendi sobre
 a história. Lido em: A noção de memória que o
 modo de falar do fantasma protagonista
 é bem diferente, mas eu nunca ouvir
 ninguém falar dessa maneira, também tem
 outros personagens das histórias em quad-
 rinhos que fala errado, é o currículo da
 Turma da Mônica, eu nunca ouvir falar
 se alguém que fala dessa forma sobre
 eu já repararam algum tipo de discrimi-
 nação e eu não sei como se chama o
 nome dado a esse processo de discrimi-
 nação.

Aguardando um Retorno Seu

Anexo 18: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"

Rafaela Lima


Ola querida amiga

Tudo bem com voce? Gostaria muito de conhecer logo para saber quem e vc.

A ja ja mem esquecendo estou aqui para falar sobre o livro de **Ze Carreira** que e malandrinha e esta sempre aprendendo algo.

Como uma ida para minha recordacao de historias eu vou te colocar varios titulos do almarrague de **Ze Carreira**

- * O Seno que Espantava
- * Os Homens Eos Indolentes
- * O grande festividade
- * Duvidas do Suro Joco?
- * Jera de vira
- * Os Detetives da meliza.
- * Respondendo na escola
- * O importante e saber
- * Opanhe o papagaio pelo sistema
- * O Topo dos imitadores
- * Mito, amor, de vassos
- * Campeonio mata de vasa
- * O campo de velle
- * Como de um, o Jucinho de vasa
- * Jurado a corada





- ♥ ♥ * Caiu uma Rede ...
- * Filando a fila
 - * O apelido
 - * King dos magníficos heróis
 - * Os destruidores de latas
 - * Gol contra
 - * O amigo do presidente
 - * A pagadinha
 - * Futuro sem futuro
 - * Foi uma Bagunça no espaço
 - * A ampolinha
 - * O Retorno dos três caralunos
 - * Este caraluno é mesmo outro (e um ^{existen})
 - * acrescentando uma terceira
 - * Condessa de planta.

Eu gostei muito das histórias
 minhas, desculpa porque eu não contei
 a história para você, foi porque
 eu não queria, mas pelo título da
 para parecer como se fosse as
 histórias.



Anexo 19: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"

D S T Q Q S S

29 30 33

Data: 29 de outubro de 2013

Saudação



Oi

Estou adorando muito esse projeto "Adote um Aluno, forme um leitor" e também gostando dos livros e das cartas que você envia, nem sei como dizer qual livro que eu mais gostei, mais como eu gostei dos dois livros, vou falar um pouco de cada sobre o que eu achei.

Bem, como você tinha me pedido uma carta pra eu prestar muita atenção na linguagem de Chico Bento, eu prestei muita atenção e achei um pouco engraçado no modo de ele falar, mais mesmo assim eu gostei muito da Histórinha.

No livro "Helena" eu não tenho muita coisa pra dizer, mas eu também gostei muito. Achei muito bom mesmo.

É agora vou aguardar a sua cartinha.

Anexo 20: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"

11

Escala - Manoel Lopes Teixeira

Data - 04 de setembro de 2013

Nome - _____

Eu gostei muito desse livro porque ele é em quadrinhos. eu gosto de histórias em quadrinhos porque tem muitas imagens e não é tão grande e não muito interessante.

Eu fiquei muito curioso de conhecer você, espero que não demore muito para nos conhecermos pessoalmente para acabar com essa distância de te conhecer. Você sabe tanto coisa de mim e eu não sei ~~me~~ nem seu nome!!!

Eu não sou muito de escrever e não sei escrever para o livro.

Anexo 21: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"



Caetite, 04 de novembro de 2013

amiga de leitura

Ola minha amiga muito obrigada pelas
livras e gibis.

Eu ainda não terminei de ler a livra "O co-
digo da inteligência" mas o tanto que eu li eu
gastei muito e o "Homem Aranha" eu já terminei
me e também gastei muito.

Respondendo suas perguntas:

Eu lio de vez em quando,
não tinha nenhum livra antes disso, apenas uma
que lio de vez em quando no sala de leitura de
minha escola.

minha professora trabalha bastante com histo-
ria em quadrinho e livras e tira bastante
duvidas da gente no sala.

gastei mais do gili do "Homem Aranha" por
que eu gasto mais de livras com figuras para
ter uma melhor imaginação de como a historia
aconteceu.

Espero ter ajudado com as
respostas.


Abraços.



PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

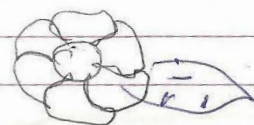
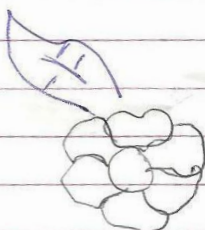
Anexo 22: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"



 Olá

 Castilho, 04 de novembro de 2013. Graynara eu quero começar te fazendo uma pergunta: Você já foi uma minhha escola alguma vez neste ano? se já em qual mês? na história Gasparzinho em: O fim de Gasparzinho eu acho que a moral da história é que agente tem que ajudar o próximo sem se preocupar com o que os outros é e com a opinião dos outros. Eu acho que o Gasparzinho fez muito bem em ajudar a duveca mesmo que ela fez mal pra ele. Eu quero fazer outra pergunta: Vocês da UNEB vão conhecer os alunos que estão participando do projeto no dia 11 de dezembro não é?

Aguardo um Retorno Bem



Ass:



D
 S
 T
 Q
 S
 S

Anexo 23: Projeto "Adote um aluno, forme um leitor"

D S T Q Q S S

29 30 33

Data: 29 de outubro de 2013

Saudação



Oi

Estou adorando muito esse projeto "Adote um Aluno forme um leitor" e também gostando dos livros e das cartas que você envia, nem sei como dizer qual livro que eu mais gostei, mais como eu gostei dos dois livros, vou falar um pouco de cada sobre o que eu achei.

Bem, como você tinha um um pedido uma carta pra eu prestar muita atenção na linguagem de Chico Bento, eu prestei muita atenção e achei um pouco engraçado no medo de ele falar, mas mesmo assim eu gostei muito da Histórinha.

No livro "Helena" eu não tenho muita coisa pra dizer, mas eu também gostei muito. Achei muito bom mesmo.

E agora vou aguardar a sua cartinha.